

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ - CEST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

POLIANA DE ALMEIDA BRUNO

**AS VOZES ANCIÃS DA ALDEIA SEVERINO/TEFÉ-AM: CONTANDO HISTÓRIAS,
CONSTRUINDO IDENTIDADES E AFIRMAÇÃO ÉTNICA**

POLIANA DE ALMEIDA BRUNO

**AS VOZES ANCIÃS DA ALDEIA SEVERINO/TEFÉ-AM: CONTANDO HISTÓRIAS,
CONSTRUINDO IDENTIDADES E AFIRMAÇÃO ÉTNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA.

Área de concentração: Teoria, História e Crítica da Cultura.

Linha de pesquisa: Espaços, memórias e configurações sociais / Crítica, interpretação e história das formas da arte.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane da Silveira.

TEFÉ/AM
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

B898v

Bruno, Poliana de Almeida

As vozes anciãs da aldeia Severino/Tefé-AM:
contando histórias, construindo identidades
e afirmação étnica / Poliana de Almeida
Bruno. Manaus : [s.n], 2023.
87 f.: color.; 29 cm.

Dissertação - Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinarem Ciências Humanas - PPGICH/UEA -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.
Inclui bibliografia
Orientador: Silveira, Cristiane da

1. Contadores/as de histórias. 2. Identidades.
3. Afirmação étnica. 4. Aldeia Severino. 5.
Apurinãs/AM. I. Silveira, Cristiane da (Orient.).
II. Universidade do Estado do Amazonas. III. As vozes
anciãs da aldeia Severino/Tefé-AM: contando histórias,
construindo identidades e afirmação étnica

POLIANA DE ALMEIDA BRUNO

**AS VOZES ANCIÃS DA ALDEIA SEVERINO/TEFÉ-AM: CONTANDO HISTÓRIAS,
CONSTRUINDO IDENTIDADES E AFIRMAÇÃO ÉTNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Avaliada no dia 17 de março de 2023 pela seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Cristiane, da Silveira – Universidade do Estado do Amazonas (UEA) - PPGICH

Prof.^a. Dra. Ananda Machado – Universidade Federal de Roraima (UFRR) - PPGL

Prof Dr. Yomarley Lopes Holanda - Universidade do Estado do Amazonas (UEA) - PPGICH

TEFÉ/AM
2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, pois ELE quem permitiu que eu chegasse até aqui. À minha primogênita, *Adriany de Almeida Siqueira*, a quem muito me motivou a seguir e que, ainda junto comigo em meu ser, me acompanhou nesta jornada. À minha família, por todo apoio e incentivo, especialmente à minha mãe-vó, *Maria Regina Gomes de Almeida*, e à minha mãe *Maria Francinete Vieira de Almeida*. Ao meu companheiro, *Adriano Siqueira Moraes*, que esteve em meu lado também me incentivando. Aos meus professores da Educação Básica, Superior e Pós-Graduação, todos/as aqueles/as que de alguma forma contribuíram em minha formação humana e como profissional.

Dedico este trabalho aos indígenas Apurinãs da aldeia Severino Tefé/AM, em especial aos anciãos/ãs contadores/as de histórias deste local. São homens e mulheres de excelência que de nós, têm a nossa eterna admiração, respeito e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao nosso Deus Pai, que nunca me abandona e me sustenta nas tempestades da vida e sem ELE jamais seria possível seguir.

Aos meus avós Inocêncio Martins de Almeida (já falecido, mas que ainda faz parte de mim e nunca poderei esquecê-lo) e Maria Regina Gomes de Almeida, alicerces de minha vida e que são os grandes responsáveis pela minha formação e por me fazer crer que eu poderia me desprender dos laços e alçar voos. À minha mãe Maria Francinete Vieira de Almeida por ter permitido me fazer existir neste mundo com todo o seu carinho, respeito, dedicação e amor.

À Universidade do Estado do Amazonas que me acolheu na graduação e agora, através do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH, me oportunizou, cursar o mestrado no interior do estado.

Aos amigos que conquistei em 2021, representados por Mariany Martins, Andreane do Nascimento, Hilkmar Alves e Afrânio Pereira, nossa turminha de mestrado que me acolheu e com a qual dividi muitos assuntos epistemológicos, dúvidas, risos, mas também as angústias de caminhada.

À minha orientadora de curso Dra. Cristiane da Silveira, pela sua paciência, por não me deixar desamparar e me fazer crer que eu sou capaz de continuar. Pela correção dos meus erros e por estar me mostrando novas possibilidades.

Aos membros da banca examinadora: Prof^a. Dra. Ananda Machado e prof^o. Dr. Yomarley Lopes Holanda, por terem aceitado o convite para fazer parte desta conquista, pela disponibilidade em participar deste momento de tamanha importância e significação para mim. E, pelas contribuições que fizeram na minha qualificação e estas foram como um norte para essa trajetória.

Ao povo Apurinã da aldeia Severino Tefé/AM, por terem me acolhido e por me fazerem sentir como parte de suas moradas e cultura. Sou grata pelo carinho de todos/as.

À coordenação do curso, nas pessoas do Professor Dr. Otávio Rios e Dra. Lúcia Puga, à secretária Me. Shirley Piñeiro. Aos professores de Tefé e Manaus pelos momentos de trocas de diálogos e aprendizados. À Coordenação do PPGICH – Tefé, Dr. Yomarley Lopes Holanda, e ao David Ramos de Almeida, nosso secretário local.

Para quê adiar o fim do mundo?
Para contar mais uma história.
(Ailton Krenak)

RESUMO

Este trabalho é voltado para os/as indígenas Apurinãs contadores/as de histórias da aldeia Severino/Tefé-AM. Nesta aldeia ainda encontramos a prática da contação de histórias pelos/as anciãos/ãs. Esta é uma cultura ancestral dotada de experiências e ensinamentos por aqueles/as que a praticam, levando ao aprendizado sobre outras visões das coisas e do mundo. Nosso objetivo principal foi analisar as narrativas orais dos/as contadores/as de histórias da aldeia Severino como dialogação para a construção de identidades e afirmação étnica. Prestes (2019), Goldenberg (2014), Malinowski (1975), nos deram a base teórica para o desenvolvimento metodológico da pesquisa em campo. E juntos com as abordagens em autores como Albert e Kopenawa (2015), Quijano (1992), Canclini (2008), Lévi-Strauss (1982), Bakhtin (2012), Krenak (2019) e (2020), Munduruku (2005), Morin (2015), Bosi (1994), Kambeba (2021), Maciel (2016), Loureiro (2015), Freire (1996), Todorov (1999), dentre outros, dialogamos para a tecedura interdisciplinar de saberes com as vozes apurinãs anciãs presentes. Compreendemos que as histórias contadas são narrativas que ajudam no processo da formação humana do ser indígena. A contação de histórias praticada pelos/as anciãos/ãs da aldeia Severino é uma cultura que os conecta à sua origem, que traz aspectos de sua cultura local na aldeia. Portanto, os/as narradores/as ao contar suas narrativas, partilham e constroem saberes, que legitimam suas identidades étnicas e que também dialogam para a construção das identidades e afirmação étnica dos/as demais apurinãs da referida aldeia.

Palavras-chave: Contadores/as de histórias; Identidades; Afirmação étnica; Aldeia Severino; Apurinãs/AM.

ABSTRACT

This work is aimed at the indigenous Apurinã storytellers from the Severino/Tefé-AM village. In this village we still find the practice of storytelling by the elders. This is an ancestral culture endowed with experiences and teachings by those who practice it, leading to learning about other visions of things and the world. Our main objective was to analyze the oral narratives of the storytellers from the Severino village as a dialogue for the construction of identities and ethnic affirmation. Prestes (2019), Goldenberg (2014), Malinowski (1975), gave us the theoretical basis for the methodological development of field research. And together with the approaches in authors such as Albert and Kopenawa (2015), Quijano (1992), Canclini (2008), Lévi-Strauss (1982), Bakhtin (2012), Krenak (2019) and (2020), Munduruku (2005), Morin (2015), Bosi (1994), Kambeba (2021), Maciel (2016), Loureiro (2015), Freire (1996), Todorov (1999), among others, we dialogue for the interdisciplinary weaving of knowledge with Apurinã voices elders present. We understand that the stories told are narratives that help in the process of human formation of the indigenous being. The storytelling practiced by the elders of the Severino village is a culture that links them to their origin, which brings aspects of their local culture into the village. Therefore, the narrators, when telling their narratives, share and build knowledge, which legitimizes their ethnic identities and which also dialogues for the construction of identities and ethnic affirmation of the other Apurinãs of the referred village.

Keywords: Storytellers; Identities; Ethnic affirmation; Aldeia Severino; Apurinãs/AM.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - UM PASSEIO SOBRE OS CONHECIMENTOS ANCESTRAIS INDÍGENAS: CAMINHOS PARA UMA INTERCONEXÃO DE SABERES.....	17
1.1 - Desenhando a trajetória do chegar, do sentir e do aprender com os/as apurinãs da aldeia Severino.....	24
1.2 - As narrativas orais indígenas.....	33
1.3 - Os/as contadores/as de histórias.....	38
CAPÍTULO II - A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: AS VOZES ANCIÃS DA ALDEIA SEVERINO.....	41
2.1 - Histórias de vidas e memórias: Conhecendo os/as contadores/as de histórias.....	48
2.2 - O olhar dos/as contadores/as de histórias sobre as narrativas: O que significam?	57
CAPÍTULO III - AS PRÁTICAS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO DIALOGAÇÃO PARA A AFIRMAÇÃO DAS IDENTIDADES INDÍGENAS APURINÃS DA ALDEIA SEVERINO TEFÉ/AM.....	63
3.1 - A arte do contar: Navegando sobre as narrativas dos/as contadores/as de histórias.....	68
3.2 - A contação de histórias: enaltecendo a cultura indígena apurinã.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	85

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi para compreender os processos de afirmação de identidade étnica a partir do contar as histórias para os/as indígenas Apurinãs da aldeia Severino/Tefé, do estado do Amazonas - AM. Embarcar nessa viagem é ir ao encontro de outros horizontes. E por isso caracteriza-se por uma pesquisa de caráter interdisciplinar, pois envolveu abertura para novas visões de mundo, possui olhar para diversidade cultural, e que possibilita estar em conexão com os variados tipos de conhecimentos, com as pessoas, com a natureza e com o mundo à sua volta.

Nós somos seres humanos interdisciplinares (psíquico e cultural). Não há um saber ou um conhecimento isolado, mas uma multiplicidade de saberes interligados entre si. Para Fazenda (2015) mundos diferentes se encontram e se englobam, e a interdisciplinaridade, na prática nos anima a navegar sob essa conexão. E nesse trilhar interdisciplinar, o intuito deste trabalho foi ouvir e registrar as memórias e as histórias dos/as indígenas Apurinãs. Lá encontramos uma cultura de raiz ancestral que dissemina diferentes saberes de vida a partir do olhar indígena.

Acreditamos que nossa pesquisa contribuiu para a valorização da cultura oral dos povos indígenas apurinãs, no seu processo de reconhecimento étnico como povo apurinã da aldeia Severino. Na atualidade, os povos indígenas são considerados, muitas vezes, como pessoas sem cultura ou inferior, e este é um caminho para valorizar a cultura indígena, trazendo suas vozes para que sejam ouvidas e os parentes indígenas reconhecidos.

O tema proposto surgiu do desejo de quebrar esse paradigma de desvalorização dos povos indígenas, de sua cultura, de sua história. Pretendemos sob esse desejo investigar os/as contadores/as de histórias, bem como a sua prática de contação e suas narrativas, buscando compreender suas identidades e seu olhar para o mundo. Foi motivado pela participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, no período de abril de 2017 a fevereiro de 2018 em meio à fase da graduação. Nas atividades desenvolvidas elaboramos e aplicamos um projeto relacionado à contação de história através da oralidade como prática das culturas regionais amazônicas. A experiência nos instigou a conhecer e a divulgar mais a cultura tradicional indígena, que são hábitos e costumes.

Na aldeia Severino ainda encontramos a prática da contação de histórias pelos/as anciãos/ãs, passada de geração a geração. Esta é uma cultura ancestral dotada de experiências e ensinamentos por aqueles/as que a praticam, e a sua escuta leva ao aprendizado à outra visão

sobre os hábitos, os valores e o mundo. São vozes que relembram seus antepassados, trazendo deles os seus olhares para o presente. E por meio dessa expressão cultural, valorizam o que ouviram, aprenderam e viveram. É um costume que carrega valores e princípios étnicos, visto que está conectado com sua origem, aos modos de ser e fazer. Desta forma, os povos indígenas e a sua cultura fazem parte da constituição da nação brasileira. Contribuindo para formação do Brasil a partir da matriz indígena, negro e não brancos, país multicultural em que vivemos. E sabemos que o reconhecimento para com os povos indígenas e a valorização de suas culturas é importante para a tecitura de saberes entre pessoas de outras culturas.

A pesquisa intitulada *As vozes anciãs da aldeia Severino/Tefé-AM: contando histórias, construindo identidades e afirmação étnica*, objetiva analisar as narrativas orais dos/as contadores/as de histórias da aldeia Severino Tefé/AM como dialogação¹ para a construção de identidades e afirmação étnica, considerando que as histórias contadas são narrativas que ajudam no processo dessa formação humana do ser indígena e, por meio delas as pessoas aprendem com os/as narradores/as de histórias. As questões norteadoras procuraram desvendar, dentre outros aspectos: como é praticada a contação de histórias orais na aldeia Severino? E como ela é aceita pelas pessoas da aldeia Severino de Tefé-AM? E o registro das histórias contadas pelos/as contadores/as Apurinãs da aldeia Severino pode contribuir na valorização e no reconhecimento de sua cultura e como povo ancestral indígena Apurinã?

Os objetivos específicos buscaram identificar na aldeia Severino quais são os/as indígenas Apurinãs que praticam a contação de histórias orais; analisar a prática da contação de história oral; e evidenciar de que maneira a contação de histórias contribui na formação das identidades e afirmação étnica dos/as indígenas Apurinãs da aldeia Severino Tefé/AM. E, para isto, temos como protagonistas os/as Apurinãs contadores/as da aldeia Severino, as vozes anciãs.

Este é um tema considerado de relevância social e cultural, uma vez que o/a contador/a de histórias pode contribuir para as construções das identidades e práticas da cidadania, fazendo com que haja uma sociedade mais humanitária de convívio com o outro,

¹ O termo dialogação parte do conceito de que há uma interação mediada pelo diálogo entre as pessoas, entre os seres humanos de distintas culturas. Está ligado ao que Bakhtin (2012) nos apresenta sobre a dialogação constituído como diálogo ou conversação, se tratar não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja, que cultural e socialmente, reflete os próprios aspectos da interação social existente na realidade. A dialogação, por sua vez, é uma aproximação, um encontro de conversa entre seres intelectuais, sociais e culturais, que com seus diferentes pontos de vistas, interagem.

que respeite a diferença. Quem conta histórias não traz apenas aspectos de sua cultura tradicional, mas possibilita momentos de interação, de alegria, de aprendizagens.

O campo de pesquisa é a aldeia Severino, localizada no município de Tefé-AM. Nossas estradas até o referido local são as águas do nosso Amazonas, visto que é utilizado transporte aquático como barco, lancha ou canoa com um motor de rabeta. O transporte mais utilizado, neste caso, são as canoas, nossas guias durante o trajeto da pesquisa. Para a realização desta pesquisa tivemos a ajuda dos/as apurinãs. E foi na companhia de pessoas acolhedoras que nas suas gentilezas nos deram “uma carona” até nosso campo de pesquisa. Essa cooperatividade e relação de cumplicidade entre pesquisadoras e colaboradores/as nos motivou, ainda mais, a seguir nesta caminhada.

É uma aldeia de uma população pequena, onde não há o funcionamento de energia direta por 24 horas, mas apenas a utilização de um motor com abastecimento de combustível que propicia energia por algumas horas, no caso, este motor é ligado às 18 horas e desligado às 21 horas (às vezes, um pouco mais cedo que isso). Assim, as velas, as lamparinas, as lanternas durante a noite são bastante utilizadas quando o referido motor é desligado. Nesta aldeia, as casas das famílias e vizinhos são próximas umas das outras. Nos dias atuais os/as Apurinãs muitas vezes após o trabalho reúnem no final da tarde no espaço aberto da aldeia para conversar. E nesse diálogo surgem as histórias, que estão presentes nos momentos diários deles/as, seja em casa, na roça, na pesca, na caça ou no coletivo da aldeia.

Os/as indígenas Apurinãs da aldeia Severino são homens e mulheres que vivem a cultura tradicional da contação de histórias, mas também a cultura do futebol, da dança, das brincadeiras saudáveis e divertidas, a cultura da roça (plantação), da pesca, da benzedura (reza), são povos de identidade e cultura diferenciada. Os/as anciãos/ãs do referido local são como nossos pais e avós, pois essa é a sensação que nos fazem sentir quando se comunicam conosco, cheios de conselhos e ensinamentos. E com sua sabedoria continuam repassando, através das práticas da contação de histórias, o seu olhar e a sua leitura de mundo sobre o espaço que os rodeia, sobre a forma de lidar com a natureza, preservando-a e mantendo-a viva, o que faz parte das culturas deles/as também, porque ela, segundo Krenak (2019) é a nossa mãe terra que nos embala para viver.

A partir do contato na aldeia, identificamos os/as colaboradores/as da pesquisa. Decidimos escolher os/as apurinãs com mais experiência de vida (moradores antigos), bem como os/as anciãos/ãs contadores/as de história, pois eles/as trazem consigo todo um arcabouço histórico, social e cultural de suas ancestralidades em suas reminiscências. São

peessoas de autonomia plena com mais conhecimentos de vida e que sempre têm mais histórias para contar, e suas histórias baseado naquilo que os marcou, exercem uma influência significativa no modo de ser, e consequentemente nas ações humanas. Elas transformam o ser a partir da visão de mundo de cada ancião/ã contador/a de histórias.

Estas pessoas são como se fossem um livro e quando chega o momento natural de partida eterna, ele se fecha para sempre. É um privilégio registrar as narrativas delas, por já possuírem uma vasta experiência de vida e memória, e coletar as narrativas de suas reminiscências, é colocar em evidência toda e qualquer forma de conhecimento, é mostrar para a academia que os povos tradicionais da Amazônia, produzem saberes, que precisam ser ouvidos, lidos, analisados e enaltecidos dentro de uma perspectiva científica. É mostrar também a riqueza de saberes que a história oral nos propicia, quando nos rendemos a ela, e que as pessoas podem sim ser os protagonistas de suas histórias. Os/as contadores/as de histórias são reflexos daquilo que já viram, escutaram e aprenderam e levam isso para a vida e para as suas histórias.

Os/as narradores/as² da pesquisa foram homens e mulheres Apurinãs de 59 a 67 anos, sendo 02 homens e 02 mulheres indígenas (contadores/as de histórias). Foram entrevistados apenas quatro anciãos, componentes da mesma família, os que estavam presentes na aldeia e aceitaram colaborar com a pesquisa. No local, estes são considerados as vozes anciãs que contam histórias, além deles/as há mais dois anciãos que costumam contar histórias, mas que no período desta pesquisa, não estavam presentes por questão de saúde e pessoais. É importante ouvir as memórias e histórias das pessoas mais velhas, visto que sempre têm ensinamentos, conselhos e sabedoria a repassar às pessoas da aldeia, uma cultura que proporciona interconexão de saberes herdados de seus ascendentes e vivências.

A pesquisa de campo proposta na aldeia Severino adota o método da história oral temática, um método que segundo Alberti (2013) possibilita uma abordagem interdisciplinar, visto que os/as colaboradores/as da pesquisa, através de sua espontânea oralidade, apresentaram perspectivas e abordagens das questões sociais e culturais a partir da oralidade

² Os/as narradores/as da pesquisa terão seus dados sob a garantia do sigilo e confidencialidade, de forma que aparecerão com nomes fictícios até o final da pesquisa, permanecendo no anonimato com a seguinte identificação, como **Raio de sol** e **Brilho de luz** (contadores de histórias), **Esperança** e **Iluminada** (contadoras de histórias). Decidimos escolher nomes fictícios que representem a beleza da personalidade de cada participante da pesquisa, que são pessoas únicas de uma nobreza admirável. Ademais, essa organização ajudará na compreensão dos resultados e resguardará os dados dos entrevistados/as em respeito à proteção dos participantes da pesquisa e ao sigilo ético no campo das ciências humanas. Estas questões éticas envolvidas neste trabalho estão de acordo com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, visto que submetemos nosso trabalho ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, gerando o certificado de apresentação para Apreciação Ética – CAAE sob o nº 55612221.0.0000.5016, junto a CONEP.

de suas histórias. Este método da história oral valoriza os/as protagonistas do estudo tornando-os sujeitos-agentes de sua própria história, uma vez que são ligados à sua origem. Além disso, proporciona valorizar os aspectos culturais do local onde os/as apurinãs vivem, evidenciando suas histórias, suas crenças, seus valores contribuindo para a afirmação identitária das pessoas deste local.

E a identidade, para Stuart Hall (2006), é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos de socialização com as pessoas, com as distintas culturas híbridadas, com o viver diário coletivo. Nos construímos como sujeitos sociais e culturais por meio do diálogo uns com os outros, no processo de (re)construção de nossa identidade, desde que nascemos. Cada um possui uma identificação, inerente ao modo de ser e ao que se torna. Nesse caso, o processo de afirmação identitária está ligado à origem ancestral dos povos, aos seus costumes, ao conjunto de características próprias que possuem, conectado ao sentimento de pertencimento, valorização e reconhecimento destes.

Este trabalho foi resultado de uma pesquisa em campo, realizada no período de novembro a dezembro de 2022 para a coleta de dados. Durante esse período, foram feitas três viagens à aldeia, duas no mês de novembro, uma em dezembro para o fechamento da pesquisa de campo. Com isso, houve a observação participante, que para Prestes (2019) é aquela em que o/a pesquisador/a participa da situação que está estudando, sem que os demais entrevistados/as envolvidos percebam a posição dele/a, se incorporando ao grupo ou à comunidades pesquisados de modo natural (PRESTES, 2019). Assim, em campo de pesquisa, consistiu em observar e participar da realidade da cultura indígena Apurinã da aldeia Severino, havendo momentos propícios de diálogos entre pesquisadora e pesquisados/as sobre a temática da pesquisa, influenciando o mínimo possível nas suas respostas de entrevista oral. A espontaneidade natural sobre a cultura ancestral deles/as foi o nosso intuito.

Metodologicamente, para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista oral temática inerente ao método da história oral, que em conformidade com Goldenberg (2014), nos permitiu a obtenção de informações via oralidade dos pesquisados sobre o assunto da pesquisa, dando opiniões conforme seu entendimento, experiências, realidades. A entrevista oral direcionada aos narradores/as de histórias seguiu um roteiro de perguntas abertas, visto que através do método da história oral os/as entrevistados/as puderam respondê-las na sua espontânea oralidade e no tempo como preferiu. E suas respostas foram gravadas devido o cuidado de transcrevê-las conforme as narraram, possibilitando um melhor registro. Todavia,

sob conduta ética, após a transcrição seus áudios foram apagados e apenas a pesquisadora teve o devido acesso. Utilizamos, além disso, o caderno de campo para o registro das vivências.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, que baseado em Goldenberg (2014), esta é uma atividade que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em práticas interpretativas a partir da leitura daquilo que está sendo posto no eixo da pesquisa, que no caso, se pretendeu fazer interpretação sobre os dados colhidos na pesquisa de campo, assim como também analisar as discussões de autores que contemplaram o eixo temático da pesquisa, pondo em discussão os fatos concretos da pesquisa sob uma ótica interpretativa. A interpretação e o estudo são a base de sustentabilidade e de credibilidade desse tipo de pesquisa. E observar e analisar cada detalhe da pesquisa se fez necessário para esta interpretação.

A contribuição teórica sobre a temática de discussão da pesquisa foi a base para o andamento do trabalho em campo e produção do trabalho. As teorias são nossas guias que nos fazem não apenas interpretar, mas também refletir. Os métodos e procedimentos foram pensados e analisados mediante a integridade e respeito aos narradores/as da pesquisa para que também haja proteção destes, não bastando conhecer a cultura do outro, mas respeitar e valorizar a cultura do outro nesse laço de se conectar com novos conhecimentos e novas experiências.

Sendo assim, no primeiro capítulo, concentramos as nossas reflexões baseadas em autores como Kopenawa (2015), Aníbal Quijano (1992), Canclini (2008), Lévi-Strauss (1982) e (1996), Bakhtin (2012), Krenak (2019) e (2020), Luciano (2006), Proença (2021), Munduruku (2005) e (2016), Morin (2015), Malinowski (1975), Todorov (1999), e entre outros, juntamente com as reflexões sobre os dados de campo, seguindo uma abordagem interdisciplinar entre autores teóricos, colaboradores/as e pesquisadora. Abordamos sobre os conhecimentos indígenas, visto que são oriundos de seus ancestrais e que trazem para o presente sob um olhar de ressignificação. Apresentamos um pouco a trajetória do chegar, do sentir e do aprender com os apurinãs da aldeia Severino, um povo acolhedor que nos oportunizou aliar novos saberes e experiências. Enfatizamos as narrativas orais que, com a prática da contação, é uma oportunidade de levar o conhecimento ancestral para as futuras gerações.

O segundo capítulo é a parte na qual consiste abordagens interdisciplinares sobre a prática da contação de histórias pelas vozes anciãs, uma vez que é praticada em momentos coletivos da aldeia e cada narrador/a tem o seu jeito próprio de narrar. Destacamos as histórias e as memórias dos/as narradores/as da pesquisa, fazendo uma apresentação de cada um/a

(quem são?). Discorremos os olhares dos/as apurinãs contadores/as de histórias sobre as narrativas, mostrando o que elas significam para eles/as. E autores como Munduruku (2016), Gonçalves (2009), Rousseau (1995), Paulo Freire (1996), Albert (1991), Abreu e Potiguara (2014), Kopenawa (2015) e outros demais, sustentam este capítulo e sedimenta uma base para as reflexões teóricas e de campo.

No terceiro capítulo ressaltamos as práticas da contação de histórias como dialogação para a afirmação das identidades indígenas apurinãs, destacando a forma de como acontece essa contribuição desta cultura na formação humana do ser indígena deles/as, numa construção de identidades e afirmação étnica. Descrevemos as narrativas dos/as anciãos/ãs contadores/as de histórias, as quais são inerentes à sua origem, vivências, histórias que por eles/as foram presenciadas, vividas e escutadas que resultam em aprendizagens. Enfatizamos a contação de histórias como forma de valorização da cultura indígena apurinã da aldeia Severino, se consolidando no reconhecimento de vozes anciãs que também valorizam seus aspectos culturais e identitários. Neste capítulo, Ecléa Bosi (1994), Kambeba (2021), Krenak (2019) e (2015), Maciel (2016), Loureiro (2015), Schwamborn e Fonseca (2020) contribuem para estas teceduras de saberes.

CAPÍTULO I - UM PASSEIO SOBRE OS CONHECIMENTOS ANCESTRAIS INDÍGENAS: CAMINHOS PARA UMA INTERCONEXÃO DE SABERES

Dialogando com Kopenawa (2015), a ancestralidade ligada aos antepassados e legado de um povo está presente na forma como lidamos com a terra, no modo como preservamos e protegemos a natureza. E ela também está presente na resistência indígena, quando se tornam protagonistas de suas histórias da luta de seu povo. Nós descendemos de todos povos que são anteriores ao processo colonial no Brasil até os dias atuais.

E ao falarmos em colonização, conforme Aníbal Quijano (1992), esta é um instrumento que procura esvaziar o outro da sua própria história, do seu modo de ser e estar no mundo. O sistema colonial tentou a submissão e o extermínio contra a ancestralidade indígena em meio ao processo de dominação, de exploração e também escravocrata. Há uma mancha sangrenta na história do Brasil. Por sua vez, os ancestrais indígenas não estão no passado, eles estão presentes em detalhes no nosso corpo, em nosso jeito, em nossos afazeres e hábitos do cotidiano. Somos frutos de seus sonhos e de suas realizações.

Vivemos no passado fases de dualidades entre culturas, entre seres humanos indígenas e não indígenas, brancos ou negros. Todavia, segundo Canclini (2008) estamos vivendo sob a natureza da globalização em que as culturas se tornam híbridas. O que estamos presenciando é o processo de hibridação, de dialogação entre culturas indígenas e não indígenas. E se entende “por hibridação processos socioculturais nas quais as estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, p. 19, 2008). Aprendemos com o outro e estamos em busca de um diálogo entre os diferentes, pois o tecer juntos supera essa dualidade.

Nesse processo de hibridismo surgem novos saberes e práticas culturais que se conectam. Para Lévi-Strauss (1982), os seres humanos são seres sociais que por natureza são influenciados e aprendem a viver em sociedade. A cultura de alguma forma molda o modo como a pessoa vive, pensa e age. À medida que vamos nos desenvolvendo recebemos uma série de valores, visões de mundo, formas de se comportar. Ao mesmo tempo que a pessoa é socializada ela socializa, e esse convívio social faz parte da hibridação na qual estamos inseridos.

Nessa tecedura de saberes, os povos indígenas, como exemplo os/as apurinãs da aldeia Severino, na conexão com a natureza compartilham suas vivências, experiências e conhecimentos uns com os outros, que perpassam de geração a geração. E para Kopenawa

(2015), há uma interconexão de saberes entre os povos originários vindos da ancestralidade, eles têm outra visão sobre o mundo e conseguem enxergar por outro prisma, pois cada um pensa diferenciado do outro. Neste caso, as vozes anciãs da aldeia Severino possuem suas próprias maneiras de ver, agir e analisar as situações e ações que engloba seu meio de convivência, numa dialogação de memórias que os fazem conectar com a sua raiz de origem.

Ao falarmos de conhecimentos indígenas fala-se de natureza, pois eles estão conectados a ela e, além disso, a consideram como a base de suas vidas. A humanidade ancestral sempre viveu em conexão com a terra, recebendo da natureza tudo o que precisava. A terra e a natureza nos embalam para nascer, viver e sonhar (KRENAK, 2019). Na Aldeia Severino - Tefé/AM observamos o hábito da preservação e conservação ambiental, conforme a imagem seguinte:



Imagem 01: Plantações de açaí, caju, cupuaçu, manga, azeitona, abacate, abieiro, cuia, e demais plantações cultivadas ao redor da aldeia. Registro da pesquisa de campo (2022).

Os/as apurinãs da aldeia Severino costumam plantar sementes de pupunha, de tucumã, de limão, pés de cocos, de bananas e entre outras frutas e variadas tipos de árvores ao redor da aldeia. Eles/as prezam pela a economia verde e seus saberes indígenas são

construídos nos seios da aldeia no convívio com outros parentes³, os quais são baseados em métodos de manejo e conhecimentos sobre a fauna e a flora. E para Kopenawa (2015), a natureza não é constituída de apenas elementos como terra, floresta, água, ar, etc. Ela é um corpo de mulher que cuida e gera vidas. E assim como o corpo de mulher, ela deve ser cuidada e respeitada. A natureza é mãe, que alimenta, ela é, segundo Krenak (2020), um organismo vivo. Logo, não somos possuidores da terra, ela que nos possui. O pulmão do mundo é o meio ambiente.

Observamos que para o povo apurinã da aldeia Severino o meio ambiente e seus fenômenos naturais têm significados, visto que eles/as também possuem o hábito da coleta de seus lixos descartáveis colocando placas de avisos nas árvores entorno de suas casas no espaço da aldeia como “Jogue aqui”, “Não joga lixo no chão não”, como podemos ver abaixo, um dos registros colhidos no referido local:



Imagem 02: Recipiente da coleta do lixo na aldeia Severino Tefé/AM. Registro da pesquisa de campo (2022).

As placas são feitas por alguns/as jovens apurinãs da aldeia, que incentivados/as pelos pais e pelas suas aprendizagens na escola, inclusive, através da disciplina Geografia, ajudam também a cultivar o espaço onde moram. Placas improvisadas por eles/as e debaixo

³ De acordo com Luciano (2006) de etnia Baniwa, ‘parentes’ não significa que todos os indígenas de uma aldeia são iguais e nem semelhantes, mas sim que compartilham de alguns interesses comuns, bem como as ações coletivas, uma identidade que une, articula, visibiliza e fortalece todos os povos originários. Segundo o autor, o sentido pejorativo de ‘índio’ foi sendo mudado para outro positivo de identidade multiétnica dos povos nativos, passando a uma marca identitária chamada ‘parentes’, capaz de unir povos historicamente distintos na luta por direitos e interesses comuns. E na aldeia Severino observamos que os apurinãs também se tratam como parentes, que já é um costume deles/as falarem e serem.

delas há um balde, panela e outros cestos improvisados pregados, algo interessante que nos chamou atenção. São ações que fazem parte da prática de ensinamentos deles/as, como aborda *Esperança*: “nós fica feliz de ver nossas crianças fazer coisas boas, isso é bom, aprender coisas boas é bom sim” (Esperança, 2022, informação verbal)⁴. Práticas de preservação também pode se constituir como diálogo com a terra, com a água, com o vento, com os pássaros, com as plantas, com o ar, com os animais, numa comunicação como vivência real e plausível.

Na cultura indígena, conforme Krenak (2020), floresta, rios são protegidos por seus guardiões que devem ser respeitados. E estes possuem conhecimentos que garantem a preservação da natureza e rituais que dão sabedoria ao seu povo. Os povos indígenas sempre estão (re)construindo novos saberes. Os conhecimentos e as práticas culturais indígenas são dinâmicas e se ressignificam, elas coexistem através da história e dos saberes ancestrais e que com eles se constrói o dialogar.

Os povos indígenas, como complementa Kopenawa (2015) e Krenak (2020), buscam se conectar com as raízes do conhecimento que podem ser acessadas pela prática diária tradicional e pela transmissão oral. E os/as narradores/as apurinãs possuem a prática de narrar porque é uma cultura que eles/as cresceram vivenciando e apreciando, fazendo dela seus momentos de interações para conexão de saberes. O saber ancestral é descrito, pelos autores citados, como algo que está inserido no ser indígena. A sabedoria dos anciãos, a opinião de cada um deles/as deve ser ouvida e levada em consideração.

Em um passeio sobre os conhecimentos ancestrais indígenas eles nos ensinam, na concepção de Krenak (2020), a questão de saber lidar com alteridades, de compreender e respeitar as espiritualidades. E nas culturas indígenas cada um tem uma maneira diferente de aprender, de agir. E saber lidar com as ações cotidianas também envolve práticas de experiências e conhecimentos.

Somos agraciados com os distintos saberes de vida, os princípios das coisas de como fazer, de como usar, de como cultivar, o que acaba sendo sobre a ancestralidade e se torna uma forma respeitosa de honrar, de lembrar e de saudar os nossos antepassados. A raiz de todo conhecimento é ancestral. Na imagem abaixo podemos observar a arte da colheita por uma das narradoras da pesquisa da Aldeia Severino - Tefé/AM, que é um saber único aprendido na prática diária do trabalho da agricultura:

⁴ Relato fornecido por Esperança à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.



Imagem 03: Iluminada, fazendo a colheita de bananas. Registro da pesquisa de campo (2022).

Segundo *Iluminada*, aprendeu desde infância as artes⁵ da agricultura, da pesca, do artesanato, da benzedura e outras habilidades. Ela diz: “Quando eu era pequena, meus pais sempre me ensinaram o que sabiam, me levavam pra roça e pra todo canto que iam, sempre me mostrando e dizendo como era pra fazer porque era pra mim aprender”. *Iluminada* é uma mulher de muitas experiências, “A vida também me ensinou muitas coisas e eu hoje também procuro ensinar pros meus filhos e netos o que sei” (Iluminada, 2022, informação verbal)⁶. Ela é leitora do tempo, visto que para Kopenawa (2015), o conhecimento, a sabedoria ancestral está no sangue indígena. Ao nascer eles aprendem como nós e desenvolvem os seus conhecimentos, e com o passar do tempo vão ressignificando-os com outros saberes, muitos destes em comunhão com a floresta e os rios.

Baseado na fala de *Iluminada*, Kopenawa (2015) ressaltam, saberes não são apenas conhecimentos, mas experiências vividas. Através das vivências, *Iluminada* assim como as demais vozes anciãs apurinãs, adquiriu saberes, conhecimentos, formou sua concepção, suas próprias histórias de vida. Os saberes ancestrais são, portanto, sementes que brotam e florescem. E é por meio da ancestralidade que os povos indígenas encontram a sua raiz. É

⁵ A arte, para Proença (2021), se refere às diferentes formas de expressão da subjetividade humana, realizada por meio de uma variedade de manifestações de ordem estética ou comunicativa, como arquitetura, escultura, desenho, pintura, dança, música, e entre outras formas do ser humano expressar suas emoções, suas histórias e suas culturas. E ela também pode ser entendida, conforme o filósofo Aristóteles (2019) na tradução de Silva, como um meio de fazer ou produzir alguma coisa, está ligada à habilidade ou disposição dirigida para a execução de uma finalidade prática ou teórica, se traduzindo em criação, fabricação ou produção de algo, inerente às maneiras do fazer e como fazer. E a cultura de um povo é preservada ou (re)construída através de sua arte, seja ela qual for, pois cada um cria e se cria de modo diferente às suas produções culturais.

⁶ Relato fornecido por Iluminada à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

através dela também que eles/as buscam sua força para lidar com seu cotidiano, é na sabedoria de vossos povos, na raiz de seus costumes.

Kopenawa (2015) abordam que para atingir o bem-viver devemos valorizar e fortalecer os conhecimentos de nossos anciãos herdados de seus ancestrais, que também se tornam nossos alicerces de vida. Na visão de Kopenawa (2015) é necessário sim ter o conhecimento da atualidade, ter que estudar e se aperfeiçoar em cursos profissionais, e junto com esses novos conhecimentos e experiências levar em consideração a sabedoria ancestral, dos seus tuxauas, dos pajés.

A sabedoria de nossos parentes originários, às vezes, nem é o cocar, nem a pintura, mas o próprio jeito de ser, o próprio modo de pensar. A sabedoria ancestral é a forma de viver, é o conhecimento milenar que eles têm, que não são apenas as vestimentas e acessórios. E com os seus diferentes ensinamentos podem fazer surgir novas concepções de saberes.

Na conexão com Munduruku (2016), podemos afirmar que cada espaço da aldeia onde vivem os povos indígenas é um lugar de transmissão ou partilha de conhecimentos, havendo momentos para compartilhar os saberes de forma coletiva, mas todo dia é dia de aprender. Os mais velhos, como vimos no depoimento de *Iluminada*, ensinam os mais novos e ambos interagem, e assim todos aprendem uns com os outros nessa troca de diálogo e escuta. Abaixo temos a imagem, registrada no final da tarde, que mostra um pouco o espaço da Aldeia Severino - Tefé/AM:



Imagem 04: Espaço aberto da aldeia onde os Apurinãs se reúnem muitas vezes para conversar. Registro da pesquisa de campo (2022).

Na presente aldeia há os momentos de lazer, e estar juntos é um lazer diário deles/as, onde um interage com o outro, se divertem. São momentos também como esses que proporcionam a presença das vozes anciãs, sendo que nos seus trabalhos diários os mais velhos orientam e ensinam as crianças e os jovens à importância da ajuda coletiva e valores étnicos. Eles/as aprendem vendo e ouvindo os/as seus anciãos/ãs. E o aprendizado surge com a prática, e como nos fala Edgar Morin (2015) “o conhecimento é sempre uma tradução, seguida de uma reconstrução”. Desenvolvemos nossas potencialidades humanas, o raciocínio e a linguagem uns com os outros na socialização existente, e são os processos de construção do conhecimento que orientam nossas vidas.

Para Kopenawa (2015), o conhecimento indígena ancestral se constitui como uma arma de defesa às vezes contra o preconceito e a ignorância, quando estes se fizerem existir. Esta é uma defesa que jamais lhes poderão retirar: a educação que recebem. E a educação indígena, para Munduruku (2005), está ligada ao saber adquirido ouvindo os/as anciãos/ãs da aldeia. Os apurinãs, por exemplo, ao lembrar a educação recebida dos pais e de seus mais velhos, repassam para seus filhos e netos. Conforme Munduruku (2005), tudo que é aprendido no espaço da aldeia, da casa ou da roça é visto como educação tradicional indígena, um espaço considerado de aprendizado, onde o professor pode ser os pais e os avós. E o espaço de aprendizado muitas vezes está na mata, onde adquirem conhecimentos através do ouvir, perceber, observar, falar e muitas vezes acontece através do silêncio.

O povo Apurinã da aldeia Severino tem a sabedoria plena da vida, herdada da sua leitura de mundo e da ancestralidade. São pessoas que possuem a delicadeza para o momento de escuta e de fala, que em suas memórias trazem experiências. E os seus saberes estão interligados às muitas coisas e situações, permeadas, por sua vez, de significações. E no diálogo com Kopenawa (2015) e Krenak (2019), as epistemologias como saberes indígenas ancestrais sempre irão existir, e juntas com as epistemologias ocidentais se complementam e podem se expandir porque estamos no caminho da hibridação e diversidade.

Do ponto de vista da simbolização, segundo Krenak (2019), os significados muitas vezes são aprendidos no olhar, pois é algo ligado à observação. E os povos indígenas são observadores, como os apurinãs da aldeia Severino, que possuem olhares atentos para reconhecer o caminho, observar o tempo, cuidar das colheitas, proteger as viagens, para proteger das doenças, para guiar-se na escuridão, para escolher o lugar da pesca e da caça. Através do olhar adquirimos o conhecimento, e cada saber é único que não pode ser roubado, mas repassado para suas gerações. E devemos valorizar os saberes ancestrais, as histórias

antigas dos territórios, o nome e as ações de seus ancestrais, como os/as rezadeiros/as, parteiros/as, artesãos/ãs, etc.

Krenak (2019) ressalta as perspectivas de vida indígena e os seus saberes e cosmologias. Como detentores de conhecimentos de vida e do mundo eles também prezam pelos seus princípios e valores. E os apurinãs da aldeia Severino no seu hábito diário exercem princípios e valores ensinados por seus anciãos/ãs. É comum, por exemplo, as crianças e os jovens apurinãs ‘pedir a benção’ dos mais velhos da presente aldeia, ato simbolizado também como sinal de respeito mesmo não sendo seus pais ou avós. Eles/as têm o costume de ‘pedir a sua benção’ (erguendo a mão direita para ele/a) após e antes de dormir. E os/as anciãos/ãs com suas palavras ternas os abençoam.

Segundo Kopenawa (2015), a sabedoria de seus anciãos, vinda de seus ancestrais é que tem feito com que eles resistam até hoje, enquanto povo com uma cultura diferenciada. E essa resistência e sabedoria fizeram com que conservassem seus lugares de origem, a floresta, as águas e esse saber são levados adiante. Nossos ancestrais indígenas nos deixaram diferentes costumes que hibridados com outras culturas continuam presentes. Os povos indígenas contam a importância de nos colocarmos como seres aprendentes, aprendizes, apreendedores. E aprender é também deixar as palavras anciãs germinar em nós, e estas têm raízes, especialmente quando conseguimos deixar que elas adentrem em nosso corpo e nele façam um caminho.

Os conhecimentos indígenas juntamente com outras epistemologias ocidentais são saberes que podem promover o bem-comum da humanidade, o bem-estar das pessoas e da natureza, o saber-fazer as coisas certas e na hora que considerar correta, o viver-bem. E se faz necessário a valorização dos saberes ancestrais desses povos, bem como a proteção dos povos indígenas e comunidades tradicionais. Devemos aliar nossos conhecimentos com outros, que assim podem gerar uma interconexão de saberes. E estes nos direcionam e firmam nossos pés ao chão de um mundo diferente, que valorize e respeite a diversidade.

1.1 - Desenhando a trajetória do chegar, do sentir e do aprender com os apurinãs da aldeia Severino.

Seguindo sob esse olhar etnográfico⁷, Severino é uma aldeia situada à algumas horas de distância do município de Tefé -AM. No período das enchentes dos rios soma-se oito horas de viagem de Tefé ao referido local. Todavia, no tempo da seca ou estiagem há uma somatória de dez horas de viagem pelo rio até chegar no presente destino, pois com a diminuição das águas dos lagos surgem muitas voltas pelo rio (não se vai de forma reta ou direta, mas por onde der para passar com seu barco ou canoa pelos rios dos igarapés) que torna a viagem um pouco cansativa, mas proveitosa. A pesquisa de campo junto com a teoria nos possibilitaram vivenciar essas experiências. E no decorrer do caminho pelas águas, enfrentamos o clima do sol e da chuva, uma mistura de sensações. Segue abaixo um desses registros de viagem.



Imagem 05: Momento em que fomos banhados pela chuva durante a viagem (O clima estava quente, um clareado bonito do dia, e de repente formou o tempo e caiu a chuva, escurecendo o dia). Registro do percurso da pesquisa de campo (2022).

No momento, exposto na imagem acima, faltava ainda algumas horas para chegar na aldeia Severino, uma experiência que faz parte da realidade dos/as apurinãs da aldeia e de outras pessoas que vivem em comunidades rurais, e eles/as possuem suas maneiras únicas de

⁷ Baseado em Malinowski (1975), a etnografia se liga ao estudo descritivo de uma determinada realidade pesquisada, por sua vez, de povos, sua língua, hábitos e suas manifestações culturais e entre outras características antropológicas, sociais. Nesse sentido, sob esse processo de análise e descrição, apresentamos um pouco a cultura de um povo ancestral de etnia Apurinã, bem como o costume da contação de histórias, suas perspectivas de vida, seus olhares e opiniões, seu viver diário, um povo distinto, de coletividade.

lidar com as situações do rio, por onde ir e como lidar com os banzeiros quando estes surgem. As suas práticas de conhecimentos também guiam seus caminhos sobre as águas.

Nesse percurso, surgiram os/as companheiros/as de viagem. Algumas vezes ‘pegamos carona’ com alguns parentes da aldeia (quando estes vão à Tefé para realizações de suas atividades pessoais ou da aldeia), pois no município de Tefé é onde concentra os demais recursos de necessidades deles/as também, assim como para outras pessoas que vivem em outras aldeias e comunidades ribeirinhas próximas. E nessa ligação, que consideramos afetuosa, com os/as nossos/as colaboradores/as apurinãs, pudemos ter essa conexão como se os conhecêssemos há muito tempo, e o jeito de falar e agir das pessoas faz toda diferença. Noutras vezes fui acompanhada pela minha mãe, meu irmão e padrasto (o condutor do moto de rabeta na viagem), os quais deixaram suas ocupações diárias e se disponibilizaram em nos levar até o local, conforme a imagem abaixo:



Imagem 06: Companheiros/as de viagem. Registro do percurso da pesquisa de campo (2022).

A presença destas pessoas queridas também foi algo motivador para o seguimento desta trajetória. Minha mãe (de chapéu do lado esquerdo na foto) e minha avó materna sempre com seus conselhos e ensinamentos nos orientaram. E a aproximação com a temática da pesquisa, para além das experiências acadêmicas, também surge nessas vivências de família como as de infância, marcada por momentos de contações de histórias nos quais meus avós, minha mãe, meus tios, foram protagonistas. E essa prática do narrar que impulsiona, ainda perpetua em nossas realidades.

E os/as apurinãs da aldeia Severino contribuíram para o avanço desta pesquisa, abriram portas de esperança quando pensei que não seria possível, pois os desafios no

caminho também surgem. Com eles/as pude conviver. E as artes da vida como as habilidades práticas para plantar, pescar, tecer, colher, se distrair brincando, trabalhando ou conversando também pude acompanhar. Palavras sábias ficaram na mente como, por exemplo, “ter coragem e enfrentar os medos” (Esperança, 2022, informação verbal). Os/as narradores/as com a prática do contar, eles/as também incentivam, muitas vezes sem perceber, mas que toca quem os escutam.

As idas e vindas desse percurso nos oportunizou uma ação que implica um modo de conhecer, como aborda Lévi-Strauss (1996) na sua passagem sobre “anotações de viagem”, que das experiências reais e vividas também podemos aprender. Nesse caso, o trajeto à aldeia Severino foi uma experiência que envolveu estar aberto para as pessoas ao nosso redor, descobrindo na prática de campo a relação mútua entre pesquisadora e colaboradores/as, respeitando o tempo e a visão de cada um. E, até o momento de chegada, os bons pensamentos, mas também os de ansiedade e de insegurança sempre vinham apesar de uma preparação teórica. E isso, conforme Malinowski (1975), faz parte de uma pesquisa interdisciplinar, visto que as vivências das experiências em campo são aprendizados e juntas com as teorias tornam-se nossas bases.

Este momento de chegada foi encantador. De canoa, entramos no lago que dá acesso à referida aldeia e logo vimos o local de destino, como podemos observar na imagem abaixo:



Imagem 07: Entrada na aldeia Severino. Registro da pesquisa de campo (2022).

As pessoas presentes na imagem acima são *Raio de sol* (de camisa vermelha) e *Iluminada* (do lado direito com blusa branca listrada de preto), ambas são casadas, residentes na aldeia e narradoras da pesquisa. Também tivemos suas companhias durante esse trajeto, uma vez que eles abriram as portas de sua casa para que pudéssemos ficar durante a realização da pesquisa. E no trilhar teórico de Lévi-Strauss (1996), o chegar envolveu a experiência do sentir. Foram sentimentos de alegria e gratidão por estar também naquele espaço e por eles/as terem aceitado fazer parte desta trajetória em que conhecimentos se aliam. Os/as apurinãs da aldeia nos receberam harmoniosamente bem, são pessoas acolhedoras que nos concederam a oportunidade de viver a experiência da vida enquanto aldeia.

A aldeia Severino se concentra na beira do lago (no período da enchente), mas que no período da seca apenas um córrego em forma de igarapé passa pela frente desta. A imagem seguinte mostra a primeira realidade citada:



Imagem 08: Aldeia Severino – Tefé/AM. Registro da pesquisa de campo (2022).

É um local calmo onde os/as apurinãs passam a maioria de seu tempo no trabalho da agricultura, em suas pescas, nos seus afazeres diários. Normalmente saem de manhã e retornam no final da tarde para suas casas. É nesse horário de fim de tarde ou à noite que podemos localizados em suas moradas. Eles/as ainda possuem o costume de tomar banho e de realizar seus serviços como lavar louças e roupas na beira do lago, pois há funcionamento de

poço artesiano, mas que é utilizado somente como água potável para beber devido não ter energia direta na aldeia para abastecimento de água também nas casas.

Entender os/as apurinãs da aldeia Severino e os elementos da vida enquanto aldeia se consolidou em processos de aprendizados. A observação e a vivência diária de campo nos levou para esse novo caminho. O povo Apurinã possui seus costumes únicos, as crianças se divertem umas com as outras de diversas formas com as brincadeiras que inventam no espaço da aldeia, inclusive, passear de canoa é uma de suas diversões prediletas, desde que seus pais ou responsáveis lhes deem a devida orientação e permissão, como mostra a imagem a seguir:



Imagem 09: Crianças da Aldeia Severino – Tefé/AM. Registro da pesquisa de campo (2022).

São crianças alegres, carinhosas, e sempre acompanham seus pais nos afazeres diários. Os jovens juntamente com outras pessoas gostam de jogar futebol nas horas vagas, eles/as pescam, caçam e também ajudam no que podem os seus pais e avós. Os pais e os mais velhos são dedicados à família e têm a preocupação de manter a harmonia, os valores no espaço familiar e enquanto aldeia, para isso, sempre conversam, orientam e aconselham seus filhos/as e netos/as. *Brilho de Luz* aborda:

Nós orienta aqui os nossos jovens, as nossas crianças, porque até pra remar você tem que aprender remar senão você cai da canoa, e a gente ensina as nossas crianças porque é perigoso, e tem que tá de olho grudado nelas porque criança é criança, gostam de tá nessa beirada andando de canoa,

pulando na água, é andando pelos matos, é bom, mas é perigoso, tem que orientar senão qualquer coisa pode acontecer. O que a gente escutava os nossos pais falar sobre as coisas a gente passa pra eles, ensina eles também (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)⁸.

Brilho de Luz como os/as demais apurinãs da aldeia, são atenciosos e cuidadosos, inclusive, aos comportamentos de seus filhos/as e netos/as, os dando sempre esse direcionamento citado. E conforme Krenak (2019), a história oral é uma linguagem que contempla e transmite alteridade, solidariedade e valores da existência humana. Por meio da comunicação oral, os/as apurinãs transmitem os seus ensinamentos de vida.

Os apurinãs desta presente aldeia são pessoas trabalhadoras, mas às vezes também reservam aquele tempinho para o lazer e o descanso. No finalzinho da tarde, quando chegam de seus trabalhos, preparam um cafezinho com os alimentos que produzem (banana, macaxeira, pupunha, tapioca, etc.) e põem a servir, e nesse momento de merenda eles/as partilham um pouco da sua vivência diária, como foi o dia, o que aconteceu, momento propício para distração em que risos também surgem. Em um dos momentos de convívio, eles/as gostam de sentar no chão (sob o piso de tábua da casa) com as pernas cruzadas e ali fazem aquela roda em família e o que é servido fica no centro desta. É um hábito que como pesquisadora me fez sentir acolhida e na casa que abriu para nossa permanência na aldeia também me levou a lembrar da minha infância na casa de meus avós maternos em que tínhamos esse mesmo costume que, ainda hoje, prevalece em nosso seio familiar.

Dialogando com Todorov (1999), em sua passagem sobre o descobrir e o conhecer a questão do outro, a pesquisa de campo nos oportunizou a ver de perto esses encantamentos da aldeia, mas também um pouco de seus desafios. A ausência de comunicação telefônica, conhecido como orelhão⁹, é uma dificuldade presente na aldeia, pois existe mas não funciona. A seguir, temos a imagem deste:

⁸ Relato fornecido por Brilho de Luz à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

⁹ O orelhão, definido como ‘telefone-capacete’ na crônica de Drummond (1972), trata-se oficialmente de um telefone de uso público instalados por todas as ruas das cidades e que durante muitos anos foi utilizado pelas pessoas para suas comunicações uns com os outros. Com os avanços tecnológicos pelo mundo, aos poucos os orelhões foram deixando de ser manuseados devido o surgimento de outros aparelhos práticos e acessíveis (celulares, computadores, internet, etc.). Contudo, o orelhão continua presente em alguns lugares, por exemplo, nas comunidades rurais ainda é muito utilizado, mas às vezes, fica em desuso quando algum problema técnico ou de manutenção surge.



Imagem 10: Local onde se encontra o Orelhão na Aldeia Severino – Tefé/AM. Registro da pesquisa de campo (2022).

O orelhão, no caso, seria o único meio de comunicação telefônica na aldeia Severino. Porém, com os problemas de funcionamento dele, os/as apurinãs quando precisam se comunicar com alguém (da cidade de Tefé) necessitam, então, viajar entre oito a dez horas de viagem para repassar o devido aviso ou outra comunicação para aquele/a que está fora da aldeia. No entanto, os/as apurinãs da presente aldeia também têm o costume de escutar todos os dias as programações disponíveis pela Rádio de Tefé-AM, inclusive, Rádio Rural¹⁰, pela qual muitas vezes ouvem e acompanham os avisos. Pelas ondas de transmissão da Rádio algumas pessoas enviam recados ou qualquer mensagem para quem mora ou que se encontra na zona rural.

Na aldeia Severino existe a Escola Municipal Indígena São Paulo, onde professores de diferentes áreas (Geografia, Português, etc.) vindos da cidade de Tefé passam a residir na aldeia durante o ano letivo para ministrar aulas aos estudantes apurinãs do referido local. Além disso, há professor bilíngue, que ensina a Língua Portuguesa, mas também a Língua Indígena Ticuna. Nesse caso, a Língua Indígena que é ensinada não é específica à Língua Indígena Apurinã, mas sim à Língua Ticuna. *Brilho de luz* relata:

¹⁰ A Rádio Rural FM de Tefé é uma emissora transmitida na faixa FM 93.9, e é acompanhada pelas pessoas da zona urbana e rural através do aparelho físico do rádio, do celular, como também pela internet, pelo site: radiatoruraltefe.com.br. Conforme informação publicada no site <https://www.radiatoruraltefe.com.br> sobre o histórico da Rádio, a primeira transmissão em fase experimental da Rádio Educação Rural de Tefé foi realizada em 1963. No decorrer do tempo, com a multiplicação dos programas, foi conquistando mais ouvintes e hoje muitas pessoas acompanham sua transmissão.

Aqui nós tem o professor que ensina a Língua Ticuna pra nós, e nós já aprendemo muitas coisas na Língua Ticuna como Meima Yauane'ü (bom dia), ái (onça), aiwéru (ave), awa (mandioca), chai (peixe)(...) Por que nós todo ano sempre vamo atrás de professor que ensine a Língua Apurinã pra nós, mas até agora não conseguimos, mas a gente luta pra conseguir. Nossa Língua Apurinã com o tempo foi se perdendo porque os nossos mais velhos que sabiam falar em apurinã foram morrendo e as outras pessoas foram deixando de praticar falando mais o português. A vovó morreu com 110 anos e quem sabia falar apurinã era a vovó, só que no meio da sociedade o pessoal perguntava: mais rapaz tu é índio ou não? ai o pessoal se acanhava e não falava a língua e ai o pessoal esqueceram a língua, é que nem a criança, estudou mas se não tiver renovando a aula dela ela esquece e por isso a nossa língua ficou esquecida. E hoje não sabemos mais falar a nossa língua. Hoje nós aprende um pouco da Língua Ticuna que é bom pra nós também aprender outras línguas diferentes, porque as vezes a gente chega na aldeia ticuna e a gente tem que saber falar ticuna também (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)¹¹.

De acordo com *Brilho de Luz*, eles/as sempre solicitam através da gestão escolar da referida aldeia, professor bilíngue que ensine a Língua Indígena Apurinã também. Mas essa ausência ainda continua presente devido não ter surgido professor bilíngue específico na área, que saiba lidar com essa linguagem ancestral apurinã. Os/as apurinãs da aldeia Severino não dominam a sua língua ancestral, mas falam um pouco em Língua Indígena Ticuna conforme lhes é ensinada pelo professor bilíngue, no entanto, a língua falada de domínio diário é a língua do colonizador (o português). A língua indígena apurinã era dominada pelos ascendentes de *Brilho de Luz*, se tratavam e se comunicavam através dessa linguagem, que com o falecimento destes, os/as demais apurinãs foram aos poucos se envolvendo menos com a sua prática diária da língua apurinã.

E para *Brilho de luz*, a sua língua apurinã de origem foi sendo cada vez mais esquecida devido os/as apurinãs muitas vezes terem sido influenciados/as pelo posicionamento preconceituoso às vezes da sociedade sobre o ser indígena, fazendo-os se sentir envergonhados e que estes, então, começaram a falar mais o português. O olhar inferior, nesse caso, se fez presente contra um povo de uma cultura diferenciada que possuía sua língua de domínio ancestral apurinã, os quais se deixaram levar pelo pensamento negativo do outro.

No entanto, enquanto não retomem à prática de aprendizado sobre a sua Língua Indígena Apurinã, vão adquirindo conhecimento também sobre a língua ticuna, uma vez que para Morin (2018), aliar novos saberes constituem caminhos que se abrem a todos. Cada um tem a sua forma de aprender e de lidar com o conhecimento que aprende, somos seres aprendentes sempre em fase de reconstrução. E os/as apurinãs sempre procuram aprender com

¹¹ Relato fornecido por Brilho de Luz à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

o novo, aliando saberes distintos. Eles/as veem a necessidade de também conhecer e aprender outras culturas, outras línguas, aprendizados que os fazem interagir com os seus demais parentes de outras aldeias.

E como Lévi-Strauss (1996), a experiência em campo é sempre uma descoberta do sentir, do pensar, do olhar, do aprender. É estar aberto para acolher o novo, nesse diálogo interdisciplinar de mundos e visões diferentes que se conectam. Os/as apurinãs são protagonistas de suas próprias histórias, os/as de autonomia, que são professores/as da vida e sobre suas experiências e conhecimentos ensinam. E no caminhar interdisciplinar, *Esperança* ressalta:

Minha filha eu não sou sabedora de muita coisa da escola porque não estudei muito quando podia, mas eu sei ensinar como faz um paneiro, como tece um tipiti, uma peneira, uma vassoura, uma malhadeira, porque isso eu também aprendi olhando os meus pais com meus avós fazer. Antes pra nós não existia prato, e eu via minha mãe fazer prato, potes e outras coisas de barro pra gente, porque antigamente era mais difícil ter essas coisas que a gente compra. E o pouco que eu sei eu passo pra outros parentes quando elas querem aprender e eu acho isso bonito (Esperança, 2022, informação verbal)¹².

A arte de aprender e ensinar é uma habilidade teórica e prática que todos possuem e essa tecedura de saberes, baseado em Morin (2018), são necessários à condição humana e que faz parte do ciclo de quem pensa ou faz educação. E como *Esperança*, quando nossos saberes e experiências são partilhadas geramos essa interconexão com outras vozes, pois o observar, o escutar leva para essa troca de diálogo. *Esperança* assim como os demais apurinãs da aldeia Severino são grandes narradores/as, pessoas ativas e preocupadas com a educação de seus parentes e, por isso, suas vozes também educam. É um povo de luta diária, que debaixo de sol ou chuva continuam a trabalhar para garantir o sustento da família, e entender os/as apurinãs é também reconhecer e valorizar as suas realidades, suas histórias, suas experiências, suas culturas, o modo de ser e agir de cada um/a.

1.2 - As narrativas orais indígenas.

Os saberes ancestrais indígenas (re)construídos com as experiências ao longo do tempo são transmitidos para outras gerações através da prática das narrativas orais nas culturas indígenas. Munduruku (2016) analisa que as narrações indígenas são como uma

¹² Relato fornecido por Esperança à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

bússola que orienta e preserva os aspectos da cultura e da história ancestral. E esta arte da conversa indígena imbricada na realidade dos apurinãs é considerada como uma prática transformadora, com palavras viventes porque a palavra contada não é simplesmente fala, elas são carregadas de significados, de conexões, elas reluzem sabedoria, vidas vividas.

Ao dialogar com Munduruku (2016), a prática das narrativas orais indígenas é constituída como um patrimônio¹³. Nesse caso, as histórias contadas como costume ancestral são patrimônios culturais imateriais, pois estão relacionadas aos saberes, às práticas de ensinamentos transmitidos dos povos ancestrais indígenas, aos conhecimentos enraizados nas aldeias. Elas, então, fazem parte da cultura imaterial, que não se pode tocar, mas ouvir. São expressões culturais que os povos indígenas também praticam em respeito à sua ancestralidade, e que vão perpassando gerações de vidas, numa afirmação étnica de suas identidades.

Em conformidade com Munduruku (2016), a arte de narrar indígena é uma forma artesanal de comunicação. Assim como são as práticas de tecer as peneiras e os tipitis, de pintar as cuias e consertar as malhadeiras e tarrafas debaixo da mangueira ou de outra mãe-árvore, práticas cotidianas indígenas das quais não se desfazem para contar as suas histórias. A seguir, temos a imagem de uma dessas formas artesanais de comunicação, a tecelagem.



Imagem 11: Brilho de Luz tecendo paneiro na Aldeia Severino – Tefé/AM. Registro da pesquisa de campo (2022).

¹³ Para Gonçalves (2009), patrimônio é todo tipo de cultura considerado como parte inerente de um povo, que é reconhecido como uma identidade para um grupo social ou humanidade, que representa toda uma história ou uma experiência vivida. O patrimônio apresenta também função educativa e histórica. É um título para um determinado bem ou expressão cultural que tem relevância e que faz sentido para uma sociedade completa. E, no caso, existem os patrimônios culturais imateriais que estão inerentes às habilidades, às crenças, aos rituais, às festas culturais, ao modo de ser das pessoas que marcam a vivência coletiva, e entre outras práticas da vida social (GONÇALVES, 2009). A contação de histórias pelas vozes apurinãs da aldeia Severino é, portanto, constituída como um patrimônio cultural imaterial, pois trata-se de uma expressão e comunicação cultural sobre seus conhecimentos, experiências, histórias vividas e contadas.

À medida que *Brilho de Luz* vai tecendo seu paneiro também realiza a arte da tecedura de saberes, mostrando e dizendo como faz e como aprendeu, contando, além disso, um pouco de suas histórias. Ele aborda:

A gente só consegue as coisas lutando e com muita paciência, minha filha, pra você aprender fazer um paneiro você tem que ter paciência se não, não vai... Eu aprendi com meu pai, quando ele ia atrás de cipó no mato eu ia também e eu gostava porque às vezes ele me levava carregado no paneiro quando queria chegar rápido ou pra me proteger de alguma cobra no caminho ou, sei lá, de outra coisa. Minha mãe com meu pai falava pra nós ter atenção quando for fazer as coisas, andar no mato com cuidado por causa também da curupira do mato que gosta de fazer medo pras pessoas (assustar as pessoas batendo em árvores, assoviando, aparecendo de repente em forma de animal para te despistar do caminho, escondendo as coisas.) e falavam que ela gosta de pegar cunhantã desobediente também, e a gente tem que ter coragem porque se você tiver medo é pior, minha avó dizia que quem tem medo sofre mais (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)¹⁴.

Brilho de Luz é um artesão de ‘mãos cheias’ (como costumam dizer) que produz com habilidade muitas artes dos recursos que a natureza disponibiliza. Ele tem o seu jeito único de envolver as pessoas com sua voz paciente e experiente. E a contação de história, segundo Munduruku (2005), convoca uma memória sobre a sabedoria que cada indígena carrega em suas cosmovisões. Envolve um sentimento de legitimação de suas raízes, de sua cultura ancestral, de repassar aos mais novos o que os mais velhos ensinaram.

A tecelagem, conforme *Brilho de Luz*, é uma produção que envolve paciência, assim como também para a prática de outras atividades. Os/as apurinãs têm essa característica, que junto com a luta diária, vão em busca de seus objetivos sejam eles pessoais ou coletivos. *Brilho de Luz*, quando criança, seguia os passos do pai o acompanhando em sua rotina de trabalho, recorda, além disso, o prazer de ter sido carregado no paneiro por ele nas suas andanças ao caminho da roça, sendo um costume que se perpetua nos dias atuais dos apurinãs da aldeia Severino. São narradores/as atentos, que de alguma fase de suas vidas têm o que contar. E a narrativa citada sobre a curupira pode se constituir como uma guia em prol de sustentabilidade ambiental ou como orientações para os jovens, respeitando no caso, os seus mais velhos.

A cultura das histórias contadas é um costume ancestral carregada de resistência, uma matriz cultural que possibilita reconexão com outros seres da terra, do meio ambiente, da ancestralidade. Para Munduruku (2016), os povos indígenas ancestrais fazem suas narrativas

¹⁴ Relato fornecido por Brilho de Luz à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

com os seus olhares, surgem a partir de seu ponto de vista. Elas podem nascer com o rio, com o barulho do vento na folha, com o canto dos pássaros, porque sobre eles pode ter alguma narrativa ao porquê, como e em que momento surgiu, ou algo envolvendo-os. As histórias são ecos da terra e nascem dela, são pensamentos de uma natureza que é intrínseca à uma nação que não consegue pensar a vida sem a relação de dependência e de pertencimento com ela (KAMBEBA, 2021).

Por detrás das narrações existem conhecimentos aprendidos com os erros, têm experiências boas e ruins, há uma história bonita e encantadora, mas também às vezes sofrida e sangrenta. E elas ao serem transmitidas muitas vezes refletem o autocuidado, a atenção, a preservação dos seres e do ser viver. Na cultura indígena apurinã a prática de contar história também vai além, pois trazem falas sobre a cosmovisão, é também uma forma de lazer, de prazer e de interação entre os parentes. E conforme Munduruku (2016), é um momento de escuta da voz que fala com a sabedoria do tempo.

Os povos indígenas assim como nós, são pessoas de história, de cultura e de identidade. E sob o prisma de Krenak (2019), as narrativas estimulam a reflexão sobre a importância das raízes culturais como afirmativas de identidade e pertencimento ao seu lugar, mantém viva a memória e as origens ancestrais, aproxima diferentes gerações, traz a possibilidade de redescobrir o sentimento de identidade das aldeias que partilham os mesmos modos de vida, que juntos construíram a cultura local. Eles/as têm as suas filosofias e suas artes, que também contribuem para outras culturas.

Para Krenak (2019), a história oral remete a uma realidade, à acontecimentos, à conhecimentos, que são narrados por vozes anciãs a partir da sua forma de ver o mundo. Não há conhecimentos maiores ou menores, mas há histórias para serem narradas. Narrativas que nascem da memória, que ensinam sobre a vida, sobre os modos de vida nos dizeres simples destes povos, que enquanto tecem suas malhadeiras, narram suas histórias numa habilidade que o tempo lhe conferiu em segredo, que se liga no caso, na realidade dos narradores/as da aldeia Severino.

Narrar é contar um pouco do cotidiano, da cultura, da história. E os povos indígenas contam e recontam os seus marcos ancestrais, vozes poéticas que muitas vezes traduzem experiências colhidas nas idas e vindas dos seringais, das pescarias e das caçadas. Os momentos do dia a dia e os sonhos como partes da realidade se tornam narrativas. Cada ação cotidiana, como plantar, cortar uma árvore, caçar, é acompanhada de narrativas ou também pode se transformar em uma história para contar.

A prática da contação de história pelos indígenas pode surgir do encantamento das vozes ancestrais ou nascer do sonho indígena. Os fatos sonhados, também podem ser contados. E para Munduruku (2016), quem conta também recebe influências de espíritos ancestrais, dos encantados, por isso as histórias deles são percebidas com um valor imaterial, elas também são mágicas.

As histórias contadas podem mostrar o universo indígena para todos aqueles que quiserem conhecê-lo. Elas são olhos de quem já viveu e vive esse tempo imaterial, passado, presente e com vistas no futuro. E Munduruku (2005) acrescenta que os indígenas são povos de princípios, de origens, de uma cultura que vive a diversidade. E em suas narrações às vezes eles lembram que ninguém é maior, nem melhor, que o ser humano é transitório e diferente.

Os povos indígenas, assim como os apurinãs da aldeia Severino, fazem de suas narrativas um arco-íris, de várias sintonias, tons e significados diferentes. E conforme Munduruku (2016), através delas às vezes são trazidas reflexões sobre as origens, o existir, sobre acontecimento de morte, sobre as relações entre os homens e seus propósitos, entre outras reflexões e explicações do mundo que são tecidas em suas histórias. No universo indígena, também muitas vezes cada qual a seu tempo e espaço, cria suas narrativas orais da sua maneira e jeito de ser e ver.

A cultura das histórias orais pelos povos indígenas é construção de conhecimentos. E Krenak (2019) compreende que elas produzem visões, que envolve abertura para um mundo tecido de saberes. Falar de narrativas orais é se reportar a um costume ancestral cultural que brota e renasce de forma espontânea assim como as plantas da terra. Elas são expressões de pensamento, práticas de comunicação, mas também um modo de ação.

As contações de histórias indígenas são práticas que também envolvem performances¹⁵, um meio artístico que engloba sentidos, corpo e alma. A prática da narração oral indígena é um desempenho, uma habilidade, uma atuação em que cada contador/a de histórias tem a sua maneira de expor as suas narrativas (KRENAK, 2019). Narrar uma história é criar laços de olhares distintos, é revelar o lado poético do que sabe, é permitir que quem

¹⁵ As Performances Culturais, como define Camargo (2021), trata-se, portanto, de formas simbólicas e concretas que perpassam distintas manifestações, revelando aquilo não evidenciado pelos números, entrevistas, dados quantitativos, mas atingidas plenamente pela experiência, pela vivência, pela relação humana, pelo simbólico, pelo afeto. A expressão artística das narrativas orais tem performance, e como ressalta Krenak (2019), performance é uma comunicação poética em que todos os envolvidos sentem e reproduzem essa energia de forma prazerosa. É fazer arte, é fazer poesia nas narrativas, é dançar no universo nas narrativas e fazer do chão um lugar de performances de narrativas. As performances estão ligadas aos gestos, aos movimentos do corpo, no jeito artístico de transmissão e expressão cultural imaterial.

ouvir receba a sabedoria que possui. Vozes que criam performances, um saber-fazer e de um saber-dizer, e saber-ser no tempo e no espaço.

As histórias dos indígenas possuem valor social e cultural, e fazem parte da sua identidade étnica e cultural. E através delas eles/as falam de seu mundo, da sua maneira de entender, de compreender e de defender o seu mundo ancestral. Esta prática das narrativas pelos ancestrais indígenas é a cultura do diálogo, da escuta. Ouvir as vozes anciãs é se conectar com o universo indígena, com as suas cosmologias.

A vida é uma aventura que nos convida a aventurar-se. Todo dia é dia de fazer história, pois ela nunca termina, ela existe porque nós existimos e fazemos ela existir. Cada um escreve no dia a dia a sua própria história com a leitura que tem do mundo, do universo e do outro enquanto ser. E por isso, cada história tem a sua particularidade e pontos de vistas diferentes. Os rios e as matas podem ser vistos com olhares diferentes, apesar de serem os mesmos. Nós vivemos uma diversidade, num mundo de culturas plurais e não singulares. Assim acontece com as histórias narradas, de cada uma, podemos tirar uma lição de vida, de cada uma, podemos ouvir outras vozes, vivas e poéticas presentes em toda parte deste mundo de chão que vivemos. E como bem lembra Krenak (2019), é preciso fazer que essas vozes sejam ouvidas, visibilizadas, respeitadas.

Narrar é fazer viva uma história. Somos escritores de nossa história e cada dia escrevemos temas distintos, pois somos, pensamos e agimos diferentes. E segundo Krenak (2019), as histórias orais indígenas são outras versões sobre a nação, sobre a luz do sol e sobre a essência da alma que soa através da ancestralidade. As narrativas como falas indígenas representam suas raízes, valores e visão de mundo. Elas refletem o cosmo, a manifestação da identidade indígena. E os povos indígenas utilizam-se de suas histórias como bandeiras sinalizantes às vezes para guiar o caminho, orientar e ensinar.

1.3 - Os contadores/as de histórias.

As histórias envolvem reflexão, conforme *Esperança* ressalta: “A gente quando escuta uma história seja ela qual for, a gente fica refletindo com ela também, porque fica na cabeça da gente. Quando eu escutava as histórias do papai, eu ficava pensando nelas” (*Esperança, 2022, informação verbal*)¹⁶. Elas, quando narradas, também fortificam e transformam o ser. Mas as narrativas tecidas permanecem vivas, por quê? Porque ainda não se

¹⁶ Relato fornecido por *Esperança* à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

fechou as portas da memória. Porque o/a ancião/ã, contador/a de histórias, como detentor de memórias traz seus conhecimentos para a geração seguinte. E como reflete Kopenawa (2015), os/as anciãos/ãs contadores/as de histórias envelhecem, morrem, mas deixam suas experiências tecidas pelas vozes que se fizeram de escuta. As narrativas são sempre reatualizadas mediante a dinamização da cultura, mas elas continuam revigorando como ferramenta de resistência e afirmação étnica que vem a reconstruir as identidades étnicas dos povos indígenas ancestrais.

E os/as contadores/as de histórias são homens e mulheres indígenas que na vida diária exercem atividades variadas como, muitas vezes são pescadores, caçadores, agricultores, parteiros/as, são líderes da aldeia como tuxaua ou pajé, são pais, são mães, são avôs e avós que juntos semeiam saberes.

Os/as narradores/as de histórias com suas narrativas permeiam o ambiente onde se localizam, desde o ambiente das pescas diárias ou noturnas, das caçadas ao trabalho nas roças, nas idas e vindas dos rios e das matas, dos afazeres diários. A presença do/a contador/a e a sintonia de suas histórias contadas se faz presente em todo lugar do convívio ancestral, e elas emanam sempre uma interação com o outro. São histórias vivas que os narradores/as indígenas conhecem e dominam porque é algo raiz que faz parte de sua cultura. E toda cultura nos inculca um conjunto de saberes, e a cultura indígena nos presenteia com seus conhecimentos, com as suas cosmologias e epistemologias.

Os indígenas contadores/as de histórias, através das suas narrações, entrelaçam mistos da sua própria história de vida com as experiências tecidas por outras vozes. E a arte de contar não indica apenas beleza, mas comunicação. De acordo com Kopenawa (2015), o/a contador/a de histórias comunica aos seus ouvintes as vozes da ancestralidade, o recado da mata, comunica o olhar dos *xapiri*, e *xapiri* no universo indígena para Kopenawa (2015) são os espíritos, que como um caminho de luz se estendem diante de seus olhos e que em seus sonhos eles/as os identificam e escutam o seu chamado.

Uma visão de mundo é criada, e o/a contador/a junto com seus ouvintes partilha desses momentos de aprendizados, havendo essa troca de diálogo, da interação seja através do olhar, pelo sorriso, pelos gestos ou suspiros no contar. A emissão e a recepção de ambos se tornam um processo de (re)construção de diálogos, de conversas sobre as narrativas que não são apenas histórias aleatórias, mas que cada uma tem um sentido e um porquê de ser contada. E o conhecimento e a interpretação que os indígenas contadores/as de histórias têm das coisas e do mundo devem ser considerados respeitados por quem fazem parte de uma diversidade de

culturas. As palavras narradas são transmitidas como um sinal de comunicação aberto com a ancestralidade, mantendo a arte do movimento indígena em todas as faces.

A memória, por exemplo, do avô ancião às vezes se constitui um significativo modelo de conduta para o indígena jovem, o qual muitas vezes trilha sob seus passos. E, conforme Munduruku (2005), o/a indígena ancião/ã educa o espírito da criança, do ser de quem atende seus conhecimentos. E os/as anciãos/ãs fazem isso contando as suas histórias que alimentam nossa imaginação e nosso pertencimento ao mundo que nos rodeia. E as suas histórias contadas são sobre o que eles/as ouviram, viram, viveram e gostam de contar, sobre o que eles/as leram no mundo e gostam de contar. E muitas vezes são os avós que nos lembram a infância que tivemos da qual às vezes não lembramos (BOSI, 1994).

Baseado em Krenak (2019), contar histórias é dar um mergulho no rio da memória ancestral indígena. Eles são a memória da cultura, do conhecimento empoderado e ressignificado. As suas histórias fluem e contribuem para a formação humana. Eles/as educam o corpo da criança para ser criança, e fazem isso proporcionando todas as condições para que possam ser livres. Uma liberdade única para andar no mato, para subir na árvore, para nadar no rio, para conhecer o lugar em que vivem e vivemos, livres para ser o que são sem discriminação.

E Kopenawa (2015) complementam, que as histórias existem para serem contadas e recontadas, seja na beira da fogueira ou ao redor de uma árvore. E suas histórias muitas vezes ensinam as crianças e os jovens sobre aquilo que ainda não sabem como, tornarem-se conhecedores das medicinas, das cosmologias, das epistemologias, das histórias e cultura indígena. Mesmo que o jovem não tenha habilidade em nenhuma arte, os/as indígenas contadores/as de histórias ensinam através de seus conhecimentos existentes desde os tempos passados, e que ainda germinam no presente.

Kopenawa (2015) ressalta que os/as indígenas contadores/as de histórias narram a criação do universo, dos sujeitos, do fogo, do céu, da mandioca, da noite e do dia, dos animais, etc. São histórias da criação que surgem a partir da forma como o indígena enxerga o mundo e transforma essa cosmovisão em histórias. E nesse entrelaçar de palavras, as crianças e os adultos ouvem as histórias dos mais velhos, a quem muitas vezes respeitam por sua sabedoria e conhecimento das coisas da vida. Eles/as são guias, que orientam e conduzem a partir dos saberes emanada em suas reminiscências.

CAPÍTULO II - A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: AS VOZES ANCIÃS DA ALDEIA SEVERINO

Na aldeia Severino existe a prática cultural das narrativas. E ela é praticada principalmente pelos/as anciãos/ãs da presente aldeia, que são considerados os/as guardiões da memória coletiva de seu povo, do referido lugar onde vivem e sobre o que já viveram. E são guardiões porque revivem as suas lembranças, trazendo delas as suas experiências, o seu olhar de mundo que muitas vezes se consolida em aprendizado para os/ apurinãs que os escutam. São nos momentos de convívio com o outro, de ajuda recíproca, de partilha e troca de trabalhos, que as suas narrativas se fazem presente. Na imagem abaixo é possível conhecermos um desses momentos de convívio, a Casa de Farinha¹⁷, conhecida também como cozinha de forno, onde os apurinãs dividem esse espaço para a sua produção de farinha, de beijus, bolos de macaxeiras, de tucupi, e entre outras produções, inclusive, de suas histórias.



Imagem 12: Casa de farinha utilizada em conjunto na Aldeia Severino – Tefé/AM. Registro da pesquisa de campo (2022).

¹⁷ A Casa de Farinha, tradicionalmente chamada pelos/as apurinãs da aldeia Severino como Cozinha de Forno, é um local onde se realiza a fabricação artesanal de farinha de mandioca e outras variadas produções da agricultura. A sua estrutura sempre é feita de forma aberta devido, inclusive, a temperatura quente do forno onde a farinha é produzida, para que também ao ar livre possam melhor trabalhar. A casa de farinha é constantemente utilizada pelos agricultores e demais pessoas que trabalham com as produções artesanais da agricultura. Na aldeia Severino há duas casas de farinha, e ambas são utilizadas por eles/as de forma coletiva, onde dividem seus trabalhos, visto que há funções como, por exemplo: um para torrar a farinha no forno, outra para peneirar a farinha no forno, outro para colocar a massa da mandioca no tipiti em prol de deixar a massa sequinha e pronta para peneirar, e entre outros processos de realização até a farinha ficar pronta, onde as crianças também de alguma forma ajudam e participam desses momentos. A Cozinha de Forno existe desde os tempos antigos, e sempre é construída e reconstruída pelas pessoas que utilizam ela.

Os mutirões, também chamados de ajuris (os trabalhos coletivos), acontece quase cotidianamente na aldeia e as casas de farinhas são utilizadas por todos/as (quando precisam produzir), neste momento ocorrem as contações de histórias, são sobre contextos diversos, mas significativas para quem as narra. Para *Iluminada*, exercitar a prática de narrar é também fazer do ambiente um clima de sorrisos até mesmo para descontrair da tensão do trabalho árduo, conforme relata: “a gente quando reúne pra trabalhar a gente se ajuda e eu gosto muito quando estamos reunidos, aí tem sempre um que faz a gente rir com as coisas que conta e quando a gente vai ver já terminamo o trabalho, pode ser besteira mas alegra a gente” (Iluminada, 2022, informação verbal)¹⁸. Esta prática cultural de narrativas é de fato, para Munduruku (2016) e Gonçalves (2009) um patrimônio cultural imaterial que tem relevância e sentido para um povo.

E de acordo com *Esperança*, essa prática de contação de histórias sempre existiu na aldeia Severino, visto que em casa, as vozes anciãs de seus avós eram presentes. Ela afirma: “eu lembro das noites que a gente ficava acordado ouvindo meu avô contar as histórias dele, eu era criança mais eu lembro. E até hoje nós tem esse costume, na boca da noite quando a gente tá junto a gente conta histórias” (Esperança, 2022, informação verbal)¹⁹. Para *Esperança* as histórias podem surgir em qualquer momento do cotidiano deles/as: “quando a gente tá na roça arrancando mandioca, plantando no roçado, na cozinha de forno, em casa ou em outro lugar que tu ver aquele montinho (reunidos), pode ver que tem histórias” (Esperança, 2022, informação verbal).

Baseado nas palavras de *Esperança*, cabe ressaltar que as histórias, conforme compreende Krenak (2019), são narrativas que qualquer pessoa anciã pode contar, se trata sobre algo espontâneo que ainda faz parte da cultura indígena. Na aldeia Severino a contação de histórias orais é praticada de forma conjunta, quando se reúnem e põem a conversar, como já vimos nos depoimentos de *Iluminada* e *Esperança*. É um habito cultural que é aceita pelos/as apurinãs da presente aldeia, uma vez que eles/as têm o devido respeito e atenção pelos mais velhos, sendo estes as vozes latentes ainda deste lugar. As pessoas acolhem e se harmonizam sobre esses momentos. No entanto, conforme *Raio de Sol*, diz que nem todos/as sentam para ouvir o que dizem, no caso, alguns jovens. Ele acrescenta:

Eu acho bonito quando eu vejo nós reunido, meus filhos com meus netos e minhas noras sempre vem pra cá, a gente come junto, senta junto, a gente conversa, a casa fica mais alegre sabe, minha filha. Teve uma noite que a

¹⁸ Relato fornecido por Iluminada à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

¹⁹ Relato fornecido por Esperança à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

gente ficou até tarde conversando, viramos a noite igual fazia quando eu era criança, porque quando o sono não vem a gente tá conversando. De aconselhar meus filhos eu sempre aconselhei, porque qual é o pai que quer ver o mal de seu filho, né minha filha? A gente também não quer ver os nossos netos no caminho das drogas porque a gente sabe que isso é um mal que está em todo lugar, fazendo alguma coisa errada, e nós aconselha eles também, porque o nosso lugar também não tá longe disso não. Nós fica feliz quando o que a gente fala é ouvido pelos nossos parentes, por outras pessoas, mas eu vejo que tem jovens que as vezes não gostam de escutar o que a gente fala não, são aqueles desobedientes, e hoje é difícil você chamar atenção, muitos não tem aquele interesse de aprender e aqueles que a gente ver que tem vontade de aprender a gente fica feliz. A gente é uma aldeia pequena mas se a gente não levar pra frente, não lutar por ela o que a gente pode esperar? E nós não quer ver o nosso lugar se acabar não, as coisas da nossa cultura (Raio de Sol, 2022, informação verbal)²⁰.

Raio de Sol ressalta a importância do ambiente em família e enquanto aldeia, tem sempre a presença de seus familiares em sua casa onde fazem o momento de partilha. Eleva o diálogo como momento propício para não só distrair mas também ensinar e orientar, inclusive, contra as drogas que é algo considerado atraente e pode influenciar os jovens para às más ações humanas, uma preocupação presente na abordagem de *Raio de Sol*. E este é um dos tipos de vícios que de fato acarreta prejuízos ao ser humano, tanto à saúde, ao psicológico, desestruturando muitas vezes as famílias, uma realidade geradora de conflitos existente na realidade contemporânea e conscientizar sobre isso é preciso, tanto em casa pelos pais quanto nas escolas pelos professores.

Para *Raio de Sol*, há aqueles/as que às vezes não se interessam pela prática da escuta, de ouvir as vozes anciãs do local, mas também há outros/as que se interessam e gostam desses momentos de escuta, onde juntos interagem e aprendem. E quando costumam reunir à noite, às vezes, acabam madrugando, indo no ritmo da conversa, onde uns estão sentados, outros deitados, mas ouvindo as narrações das vozes.

Krenak (2019) defende a perspectiva de vida indígena, do lugar onde vivem, nesse sentido, *Raio de Sol* destaca a valorização e o reconhecimento para com sua cultura indígena apurinã, quando menciona “a gente é uma aldeia pequena mas se a gente não levar pra frente, não lutar por ela o que a gente pode esperar? E nós não quer ver o nosso lugar se acabar não, as coisas da nossa cultura”. E por isso, com sua voz, ele também luta por ela e pelo espaço onde vivem.

Aliás, ao analisarmos a prática da contação de história oral na aldeia Severino, observamos a forma como cada contador/a tem o seu modo de narrar, de como se comportam

²⁰ Relato fornecido por Raio de Sol à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

quando estão contando suas histórias. *Iluminada* e *Esperança* têm uma mansidão e calma em suas vozes, narram com a tranquilidade que possuem e quando estão narrando transmitem uma sensação boa de querer ouvi-las mais ainda, elas te olham nos olhos e fazem imitações sobre o que estão contando reproduzindo no tom de suas vozes as sensações das histórias. *Raio de Sol* e *Brilho de Luz* também produzem performances no ato de suas contações, realizam gestos com o corpo contagiando o espaço onde estão. *Brilho de Luz* é mais calmo em seu momento de narração, um jeito mais tímido, mas também mais alegre e acolhedor. *Raio de Sol* com seu jeito empolgante, animado e engraçado também repassa essa mesma energia.

Os narradores/as da aldeia Severino mesmo em seus momentos de fala não param de fazer o que estão realizando durante o dia, narram varrendo, lavando louças, dando continuidade nos seus trabalhos porque eles/as têm essa habilidade de tecedura. Mas à ‘boca da noite’, como assim costumam chamar o início da noite, já com mais calma sentam para estes momentos, que também é hora de descanso da sua rotina diária de trabalhos. E eles/as contam histórias porque já é um hábito deles/as que vem da ancestralidade indígena apurinã, em determinados períodos de suas vidas ouviram também as narrações de seus avós. Percebemos o gosto que eles/as têm por essa naturalidade, gostam de conversar e por meio dos assuntos que surgem suas historinhas. Dialogando com *Brilho de Luz*, ele diz:

Eu tenho a imagem do meu avô na minha cabeça, ele gostava de sentar na beira do girau de casa, jogava milho pras galinhas e eu com meus irmãos brincava no terreiro. A gente costumava ouvir muitas histórias do meu avô, ele com minha vó falava a história do boto, que encantava as pessoas e levava com ele pro fundo do rio, minha vó falava pras minhas irmãs não andar sozinhas por aí porque era perigoso, na mais quando estavam naqueles dias (período menstrual), minha vó ensinou pra não tomar banho na beira do lago quando está assim e nem andar pra nem um canto de canoa porque faz mal, e menina moça tem que andar com alho no bolso pra espantar qualquer encanto, mal olhado que às vezes pega. Quando eu escutava as histórias do meu avô às vezes eu ficava pensando, ia dormir às vezes com medo porque fica na cabeça da gente, mais eu gostava. Os ensinamentos deles pra gente era bom (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)²¹.

Brilho de Luz trás da memória uma das histórias contadas pelos seus avós fazendo alusão sobre o que acredita, uma vez que observamos que para ele, tem seus significados, valores simbólicos e que dela faz suas interpretações. Em consonância com Munduruku (2005), fazer viva a memória do avô é relembrar o que também aprendeu mediante a leitura de sua imaginação com a realidade que vive.

²¹ Relato fornecido por Brilho de Luz à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

A narração sobre o boto pode servir como orientação de vida para as jovens, visto que o boto, inclusive, boto vermelho é sempre considerado como um animal de encantos no sentido simbólico de autocuidado com o corpo e a mente, pois, nesse caso, os/as apurinãs costumam aconselhar suas filhas sobre os perigos entorno da vida humana como, por exemplo, contra as más influências ao abuso sexual, uma situação que necessita cautela, que de certa forma, o boto que encanta as moças, engravida ou leva consigo para o fundo do rio, pode se configurar como, às vezes, o homem branco que aparece causando essas influências e ações. E por isso, andar sozinha pelas beiradas dos rios ou até pelas florestas não é recomendado pelos mais velhos, porque, se dão esse direcionamento, é por razão também de proteção.

As histórias do boto, do curupira ou outra narrativa é algo que promove um sentimento de pertencimento ao lugar residente, são narrações que costumamos ouvir mas sempre de forma diferente porque cada pessoa tem um modo de contar e interpretar distinto. Através delas eles/as procuram dar discernimento, e isso é cultural.

As vozes anciãs da aldeia Severino guardam seus conhecimentos em suas memórias, que em suas narrações muitas vezes são partilhados. Baseado em *Esperança*, a prática da contação de histórias faz bem para quem a realiza, pois também é o momento de desabafo sobre a vida e o que pensa. Assim, ela descreve:

Quando eu conto uma história eu me sinto bem, porque a gente tem que colocar pra fora o que a gente tá sentindo, o conhecimento não é feito só pra gente, todo mundo pode aprender com todo mundo, até um adulto pode aprender com uma criança quando ela tá aprendendo, e a criança desde que nasce vai aprendendo o que escuta, o que ela ver fazer e nós tem que ensinar pra elas coisas boas, porque é igual um papagaio, o que o papai ouve ele repete, e se a gente falar um palavrão perto do papagaio, o papagaio vai falar o mesmo palavrão porque ele grava as coisas. Eu sempre falei pros meus filhos e pros meus netos que a educação de casa vai pra rua, se tu for um menino educado em casa tu vai ser educado com as pessoas aonde for, agora se não tiver essa educação dos pais pras crianças elas podem ficar rebeldes, mal educadas porque quem faz a educação é nós. Eu estudei até a quarta série e muita coisa que estudei não me lembro mais porque eu me casei nova e depois deixei de estudar, mas sempre tivemos uma boa educação em casa. Tudo a gente é capaz de aprender, a cuidar duma casa, a fazer um remédio, a tratar um peixe, os remédios caseiros das plantas eu aprendi com minha avó ensinando, são muita coisa na vida que nós aprende e que não esquece porque a gente vai fazendo daqui pra lá quando precisa e a gente guarda na cabeça e se a gente guarda alguma coisa é porque é bom. Mas as coisas hoje estão diferente né minha filha, porque tudo muda, não é mais como era antes. Mas a lei da vida é essa, é igual nós, nós não vamo ficar novo pra

sempre também, a gente vai mudando, vai envelhendo (Esperança, 2022, informação verbal)²².

Esperança exerce a prática de narrar fazendo referência à educação, que vai de encontro com o pensamento do filósofo Rousseau (1995) quando fala que o ambiente natural para a educação acontecer é a família, considerando a importância desta primeira educação. De acordo com *Esperança*, é no espaço familiar que são transmitidos aos filhos os verdadeiros valores de um bom cidadão, apesar de que a sociedade molda as crianças desde do nascimento.

Nesse caso, a criança, segundo Paulo Freire (1996), estando alfabetizada ou não, leva à escola uma cultura própria, que não é pior e nem melhor e, portando, há um aprendizado mútuo. Educação de família e escola se complementam, visto que para Paulo Freire (1996), o sujeito aprende para se humanizar. E o aprendizado se constitui na relação com o outro, no diálogo com as pessoas, na aproximação com o conhecimento do outro. E *Esperança* nos faz refletir sobre isso, uma vez que todos têm uma visão de mundo e a cultura é um processo contínuo.

Esperança ressalta a questão de conduzir as crianças para um bom aprendizado, pois na sua fase de aprimoramento das coisas são como ‘papagaios’, que aprimora tudo o que ouve e ver, se fazendo preciso norteá-las para uma conduta educativa e de respeito para que reprocessem essas mesmas ações. E para ela, a rotina, por exemplo, de como cuidar da casa, a se responsabilizar pelos cuidados dos irmãos pequenos, a produzir um remédio caseiro ou lidar com os preparos de alimentos como peixes e caças do mato, envolvem o processo do aprender, habilidades e costumes que cada qual tem a sua forma de realizar.

Na aldeia Severino os pais e os avós educam suas crianças, são atentos aos seus comportamentos e as dão discernimento sobre o que podem ou não fazer. E quando a sua voz anciã está narrando, algumas delas estão ali presentes. São crianças apurinãs que também gostam de andar em conjunto e de fazer as coisas juntas seguindo o exemplo de conduta dos apurinãs mais velhos. Abaixo é registrado um desses momentos deles/as.

²² Relato fornecido por Esperança à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.



Imagem 13: Crianças apurinãs fazendo a colheita de açai na Aldeia Severino – Tefé/AM. Registro da pesquisa de campo (2022).

As crianças, como foi relatado por *Esperança* e ressaltado por Paulo Freire (1996), aprendem os seus modos de vida com seus pares. A vida enquanto aldeia é uma experiência diferenciada, a naturalidade do lugar e dos costumes das pessoas nos envolvem. Os/as apurinãs são assim, vivem em coletividade, isso faz parte da afirmação das identidades étnicas deles/as. Eles/as produzem saberes na prática do dia a dia, adquirem e fazem histórias também com suas vivências.

É um povo alegre, mas que possui seus momentos difíceis como qualquer ser humano, por exemplo, os meios de sustento, que nem todas às vezes é fácil para conseguir, e por isso lutam diariamente para não deixar o alimento de cada dia faltar. E a questão da assistência de saúde médica também se torna algo dificultoso na aldeia, pois há momentos que também se faz necessário, visto que eles/as se utilizam de seus remédios caseiros mas também conciliam com os atendimentos médicos em prol da saúde.

A contação de histórias praticada pelas vozes anciãs da aldeia Severino expõe os seus olhares de mundo mediante as histórias que também ouviu no período de infância. As lembranças guardadas em suas reminiscências possuem fundamentos significativos, as guardam porque, segundo *Esperança*, nunca esqueceram e que valorizam. As histórias contadas pelos/as anciãos da presente aldeia são para dialogar, descontraí, alegrar, orientar, educar, direcionar e para a construção de identidades e afirmação étnica, visto que por meio delas transmitem valores e princípios imbricados à sua cultura apurinã.

2.1 - Histórias de vidas e memórias: Conhecendo os contadores/as de histórias.

Os/as indígenas Apurinãs que praticam a contação de histórias na aldeia Severino são homens e mulheres de 59 a 67 anos, ***Raio de Sol*** e ***Brilho de Luz*** (contadores de histórias) e ***Iluminada*** e ***Esperança*** (contadoras de histórias). Os/as quatro anciãos/ãs da aldeia que identificamos e aceitaram participar desta pesquisa, são apurinãs de uma simpatia acolhedora que disponibilizaram um pouco do seu tempo para essa tecedura interdisciplinar de saberes.

Raio de Sol tem 66 anos, nasceu em 1956 na referida aldeia Severino. É agricultor, pescador, artesão, uma pessoa ativa que faz de tudo um pouco. Mora na aldeia Severino à 66 anos e, segundo ele, nunca pensou em sair deste lugar para residir em outro, pois já se sente pertencido desde que nasceu neste local: “eu nasci aqui, me criei aqui e eu nunca quis sair daqui porque aqui tá a minha raiz, nós veve a nossa cultura, eu gosto daqui minha filha, a gente sai, vai pra cidade quando a gente precisa, mas é aqui que eu me sinto bem, em casa” (Raio de Sol, 2022, informação verbal)²³. A seguir, temos a imagem de *Raio de Sol*, um apurinã de histórias.



Imagem 14: Raio de sol, na Aldeia Severino – Tefé/AM. Registro da pesquisa de campo (2022).

De acordo com *Raio de Sol*, seus avós e pais foram os primeiros moradores da aldeia Severino, visto que quando chegaram neste espaço não havia ninguém e aos poucos foram constituindo a aldeia, conforme nos relata:

²³ Relato fornecido por Raio de Sol à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

Eu lembro que meus pais dizia que quando eles vieram pra cá isso só era mato, não tinha ninguém só floresta. Pra chegar aqui naquele tempo não foi vindo de motor rabeta não, era à remo mesmo porque pra nós não existia motor, foi remando todo esse rio que chegaram aqui. Meus pais com meus avós construiu uma casinha que ficava lá ponta da aldeia, a primeira casa foi a nossa que foi construída, aí depois foi vindo outras pessoas que foi ficando aqui também, nossos parentes. Nós sobreviviam com a fartura que a gente tinha, era peixe, caça do mato, das nossas plantações da roça que a gente fazia, hoje nós tem isso ainda mas não é mais como antigamente, a gente não precisava sair muito longe pra caçar, hoje é mais difícil. A nossa família hoje aumentou mais um pouco, aqui mora meus filhos, meus netos, meus irmãos, alguns não moram mais aqui mas de vez em quando vem aqui, e nós continua vivendo aqui (Raio de Sol, 2022, informação verbal)²⁴.

A aldeia Severino teve início com a chegada dos ascendentes de *Raio de Sol*, segundo sua abordagem. Relembra essa conexão familiar que os unem até hoje. E conforme Abreu e Potiguara (2014), as narrativas sobre as raízes de cada um, seus antepassados e as conexões familiares se cruzam para também afirmar identidades. Ao migrar para este lugar, construíram lares, sentimentos. A base para sua sobrevivência sempre foi o peixe, a caça, as produções artesanais da agricultura. Seus modos de vida e cultura foram sendo ressignificados através da mudança que temos de visão de mundo. *Raio de Sol* eleva o seu lugar de origem, uma aldeia de poucos parentes apurinãs mas onde se identifica.

Para *Raio de Sol*, o local onde mora só foi reconhecida como Aldeia Severino em 1991, visto que antes era chamada pelas pessoas como Comunidade Rural Severino, mas que eles/as sempre se reconheciam como aldeia Severino do grupo tradicional Apurinã. Ele ressalta:

Nós somos da etnia apurinã porque meus avós era apurinã e falava em apurinã. Hoje nós não fala em apurinã mas ainda a de aprender de novo. Nós tem a carteirinha que reconhece que a gente é indígena apurinã, mas aqui a gente só foi reconhecido como aldeia em 1991, o homem lá da FUNAI fez o documento, registrou nós, o nosso território, mas pra isso foi uma luta também porque como é que você sabe seu direito se você não conhece seus direito, alguém tem que explicar se não a gente as vezes não sabe. A gente não precisa provar que nós é indígena porque está no nosso sangue, a gente é assim. Um homem uma vez me disse que eu só podia ser índio porque meu cabelo é liso e meu olho é puxado (risos), às vezes é engraçado o que as pessoas falam (Raio de Sol, 2022, informação verbal)²⁵.

Baseado em *Raio de Sol* sobre os desafios de reconhecimento e garantia de seus territórios, Albert (1991), complementa que o reconhecimento das terras destes povos

²⁴ Relato fornecido por Raio de Sol à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

²⁵ Relato fornecido por Raio de Sol à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

originários é um direito histórico, enfatizando a valorização de seus costumes, tradições e cultura. *Raio de Sol* é considerado o segundo tuxaua da aldeia, um apurinã de experiência, de conhecimentos assim como seus parentes apurinãs. Ele fala sobre o ser indígena, visto que às vezes recebem características identitárias a partir da aparência que apresentam, e conforme aborda, cada um é como tem que ser, todos possuem seus valores, princípios e modos de ser. A mentalidade que toda pessoa tem é diferente. E *Raio de Sol* é um ancião contador de histórias que possui sua maneira de pensar, falar e agir diferenciado.

Brilho de Luz tem 58 anos, nasceu em 1964 na aldeia Severino. É também agricultor, pescador, sabe as artes dos artesanatos. E por ser irmão de *Raio de Sol*, possuem a mesma origem familiar. Ambos geraram suas famílias, que constituíram com o passar do tempo morando na presente aldeia. Seus pais já não se encontram mais na aldeia, o pai a pouco tempo faleceu e a mãe teve que sair da aldeia para tratar da saúde na cidade, onde precisou fazer uma cirurgia nos olhos. *Brilho de Luz* e *Raio de Sol* partilham as mesmas orientações que receberam de seus pais e avós para seus primogênitos e conterrâneos.

Assim como *Raio de Sol*, *Brilho de Luz* se tornou um contador de histórias ouvindo-as também de seus pais e avós. E esta é uma prática que os conectam à cultura indígena, conforme nos conta:

Em casa quase todos os dias nós tinha esse hábito, e era sempre com alegria porque nós tem que ser alegre pra alegrar as pessoas porque tristeza a gente sabe que todo mundo tem, mas nós não precisa levar tristeza pra outra pessoa. O papai quando chegava da roça chegava cansado, com fome mas ele não chegava brigando com a gente, sempre foi um exemplo pra nós, porque se tu bate tu ensina bater, e a gente não quer isso. Meus pais sempre falava: nós tem que ser unidos, tu tem que respeitar teus irmãos pra eles te respeitar e se ele te ofender não liga, porque quando um não quer dois não briga. De noite era acostumado contar histórias pra nós, a lamparina ficava acesa até nós ir dormir igual nós faz hoje. Meu pai falava pra nós nunca gritar atoa porque o grito da gente pode servir como aviso ou como sinal de chamamento, e se a gente ficar gritando atoa ele não pode saber da onde ele tá se a gente tá precisando de ajuda ou se alguma coisa tá acontecendo com a gente, é igual a mentira, se você é acostumado mentir, como é que você quer que a gente acredite em você se você mente. Então minha filha, nós tinha isso com a gente, se um mais velho te dá um conselho é porque ele já viveu aquilo e quando a gente não dá ouvido é porque não quer obedecer. Mas o que a gente sabe a gente tenta ensinar porque também é nossa cultura, dos nossos avós passa pros nossos pais e os nossos pais passou pra gente, por isso nós é uma ligação também, a nossa cultura é ligada a nós, pra aquilo que nós é, a gente faz as coisas do nosso jeito porque a gente aprendeu assim (*Brilho de Luz*, 2022, informação verbal)²⁶.

²⁶ Relato fornecido por *Brilho de Luz* à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

Brilho de Luz com suas palavras sábias relembra valores étnicos que aprendeu ouvindo os seus pais. Sempre observou o posicionamento deles no seu seio familiar, escutando os conselhos em prol da não agressão e desunião entre irmãos. Aliás, recebiam orientações sobre fazer uso da comunicação em voz alta como chamado para determinadas situações de necessidades, caso precisassem, quando estivessem em ambientes distantes um do outro. Eram orientados a não mentir, pois a palavra mal lançada pode distorcer toda uma realidade, e conforme *Brilho de Luz*, quando a verdade se faz ausente pela mentira, pode acarretar na perda de credibilidade e confiança na pessoa.

Descreve a sua personalidade ética de ser indígena, um ancião de anseios de vida e que espalha também alegria por onde anda, visto que da sua maneira fala sobre o modo de tratar as pessoas, princípios que fazem parte de sua educação familiar. Ele ressalta a conexão deles com a cultura, com os costumes que aprenderam, e são ligados porque são raízes de suas ancestralidades que ainda continuam presentes. E assim como Abreu e Potiguara (2014) ressaltam, as suas vozes anciãs se fazem vivas em suas memórias.

Na aldeia Severino *Brilho de Luz* costuma sair bem cedo antes do dia clarear para colocar a sua malhadeira na água, depois segue para o caminho de sua roça onde realiza suas variadas plantações, normalmente é acompanhado pela esposa. Na oportunidade, aproveita para ir atrás de castanhas no mato próximo ao seu ambiente de roça, mas com toda atenção, pois em qualquer momento o ouriço da castanha pode cair e todo cuidado é pouco debaixo de uma castanheira, conforme *Iluminada*: “Outra vez, quase um ouriço cai bem em cima da cabeça do *Raio de Sol*, por sorte bateu no galho de árvore e desviou dele. Uma coisa que nós já tá acostumado fazer que já nem estranha mais, os meninos sempre vão, mas nós orienta” (*Iluminada*, 2022, informação verbal).

E *Brilho de Luz* no seu retorno para casa costuma ficar sentado em frente ao espaço de sua residência conversando e realizando sua produção de artesanato, onde alguns de seus filhos, netos e a esposa também costumam estar. Nesse momento, outros jovens e algumas outras crianças se encontram brincando, jogando futebol, tomando banho na beira do lago, ou praticando outras atividades assim como os demais apurinãs.

A rotina de *Brilho de Luz* se assemelha um pouco com a das outras pessoas da aldeia. Quando o motor de combustível é desligado, conhecido por eles/as como ‘motor de luz’, eles/as continuam a noite sob a luz que tem disponível (velas, lamparinas etc.). E momento como esse também faz parte da prática de contação de histórias. *Brilho de Luz*, narra:

A história é feita por aqui mesmo, no nosso dia a dia que a gente vai levando, nós tem a nossa história pra contar, tu tem a tua história pra contar, cada um faz a sua história. Quando eu me casei eu tive que aprender na prática os ensinamentos do meu pai, porque quando a gente constrói família a gente tem que sustentar e saber educar. Eu era jovem e a mulher também, mas eu fiz roça, saía pra pescar, ia caçar, ajuntava castanha, porque era a nossa sobrevivência, criei meus filhos e fui tendo responsabilidade que meu pai tinha. A gente é uma família de 13 irmãos, mas só 3 irmãos e eu que ainda mora aqui, os outros também tem suas famílias mas não mora mais aqui, alguns tão na cidade, outros tão pra outras comunidades. Somos que nem passarinho, depois que cresce, cria asas e voa pra onde quer, o importante é a gente ser feliz. Mamãe com papai sempre dizia: vocês tem que aprender a ser independente, nós nunca vamos tá todo tempo do lado de vocês não, vocês tem que aprender a fazer as coisas sozinho quando a gente não tiver aqui. Se a gente não tiver interesse de aprender, como é que nós vai aprender as coisas que eles querem que nós aprenda. Eu falo isso pros meus filhos, porque hoje tem mais oportunidade que antigamente, hoje tem muitos estudos, a gente aprende os nossos ensinamentos mas também tem que aprender os ensinamentos da escola. (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)²⁷.

A abordagem de *Brilho de Luz* sobre a história parte do conceito conforme Albert e Kopenawa (2015) também defendem, de que ela existe para ser contada, e nós proporcionamos essa existência a ela. Por meio da contação de histórias *Brilho de Luz* nos conta um pouco a sua história de quando era jovem, o seu processo de formação enquanto pai de família, seguindo a conduta de ensinamentos do pai, bem como os modos de sobrevivência, de educação, maneiras de ver as coisas. Dos treze irmãos/ãs de *Brilho de Luz*, apenas três ainda residem na presente aldeia, que juntos foram ensinados a buscar a independência própria, aprendendo a conhecer e a lidar com as situações também dentro e fora da aldeia.

E quando *Brilho de Luz* narra que “Quando eu me casei eu tive que aprender na prática os ensinamentos do meu pai”, interliga com pensamento teórico de Paulo Freire (1996), quando ressalta que “a educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática”. *Brilho de Luz*, conforme sua percepção de mundo praticou o que sabia e o que aprendeu, adquirindo por si só a sua própria experiência. Ele valoriza o sentimento de educação, visto que defende o posicionamento sobre o estudar para também conciliar os conhecimentos indígenas. E a escola também deve valorizar esses conhecimentos levando em conta a leitura de mundo que cada um traz, num processo de contextualização de suas realidades.

²⁷ Relato fornecido por Brilho de Luz à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

Iluminada tem 65 anos, nasceu em 1957 na comunidade do Uirapuru²⁸, que atualmente já não existe mais devido as pessoas terem migrado para outra localidade. É esposa de *Raio de Sol*, que quando o conheceu, ainda muito jovem, foi morar com ele na aldeia Severino, onde vivem juntos até hoje. E com ele constituiu família, tiveram seus 08 filhos/as e alguns destes ainda residem com eles na aldeia. *Iluminada* nos relata:

Nasci no Uirapuru, vivi lá com meus pais até meus 12 anos, porque quando eu tinha 13 anos eu conheci o *Raio de Sol* quando uma vez ele passou lá com o pai dele, daí a gente se conheceu, ele tinha 14 anos na época. Meus pais me aconselharam que eu ainda era muito jovem pra casar, tinham preocupação comigo, mas não impediram que eu casasse com *Raio de Sol*. Com a permissão de meus pais eu fui embora morar com ele, e aqui nós casamos, formamos a nossa família. Nós era jovem mas com a orientação de nossos pais soubemos se virar. Hoje a gente vive aqui porque a gente gosta, deixei há muito tempo o lugar que eu vivia com meus pais não porque lá era ruim, mas porque eu quis acompanhar o meu esposo pro lugar onde ele mora e a gente é feliz aqui também. Também me considero uma apurinã, porque os meus avós também eram indígenas, só não me lembro a etnia deles, e os meus pais também tinham sangue indígena, os anos que eu vivi com eles também aprendi muita coisa. Lá nós também tínhamos os nossos costumes como a gente tem aqui, meu pai era agricultor, de noite caçava, fachiava (pescava à noite), era muito trabalhador e nunca deixou faltar nada pra gente. E o meu pai também tinha costume de contar histórias pra gente. Minha mãe ajudava meu pai na roça, lavava roupa na beira do rio, e eu era a filha mais velha deles, eu cuidava dos meus outros irmãos. Nós tínhamos a nossa vivência lá, que também era boa. Mas a comunidade que eu morava, hoje não existe mais não, porque as pessoas foram saindo, foram deixando e hoje tá tudo abandonado... (*Iluminada*, 2022, informação verbal)²⁹.

Navegando sobre sua memória, *Iluminada* recorda o seu lugar de origem, que apesar de não ser mais a mesma, também a marcou de forma positiva trazendo as lembranças de sua infância quando ainda morava com seus pais. Seu pai também sempre foi batalhador e contador de histórias, e sua mãe o ajudava no que podia seja na roça, em casa, nos trabalhos diários deles. Todavia, também se sente pertencida ao lugar que vive, se identifica como indígena apurinã da aldeia Severino, visto que neste lugar construiu com o tempo a sua identidade com os demais apurinãs da presente aldeia. Ela relembra a sua raiz ancestral, uma vez que eles/as eram indígenas e tinham seus modos de viver, ser, e cultura.

²⁸ Uirapuru era uma comunidade rural localizada próximo ao município de Tefé-AM, que de distância de Tefé até ela seria aproximadamente quatro horas e meia de viagem. E desta comunidade para a aldeia Severino seria entorno de quatro horas. Atualmente, não existem mais moradores/as presentes nela, visto que muitos migraram para outros locais como, para o município de Tefé, para o Distrito de Caiambé que é também localizado próximo ao referido município, ou para outros locais da região. E *Iluminada* tem seus outros parentes por esses lugares também.

²⁹ Relato fornecido por *Iluminada* à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

Iluminada ao contar sua experiência, enfatiza a aldeia Severino como um local onde se sente bem e que dela não pretende sair. É agricultora, artesã, tem ‘o dom’ de lidar com os procedimentos para acompanhar a gravidez e o nascimento da criança (parteira), que também sabe e sente se está tudo bem ou não com o/a bebê quando ainda está no ventre da mãe. Ela conta:

E tem coisas que parece que já nasce com a gente, a gente já nasce com um dom pra fazer alguma coisa e a gente só vai aperfeçoando esse dom com o crescimento da gente. A minha mãe não era parteira, mas sabia fazer e saber de muitas coisas também. E eu parece que já nasci com esse dom de se conectar com a criança ainda no ventre da mãe, e as pessoas hoje me ver como parteira porque elas vem aqui e eu abraço esse dom com todo carinho, um dom que eu também fui praticando, vendo, fui aperfeçoando porque a gente tem também que adquirir experiência com esse dom, com os dons da gente, porque a gente aprende fazer várias coisas, a pessoa é cheio de dons, e só vai descobrindo aos poucos quando ela for fazendo (Iluminada, 2022, informação verbal)³⁰.

À medida que foi crescendo, *Iluminada* descobriu a sua habilidade para lidar também com o momento do parto, algo delicado que envolve conhecimento e experiência, e estes os adquiriu na prática, observando. Neste caso, as mulheres grávidas costumam ir até ela para ‘pegar a barriga’ (como é chamado por eles/as), visto que com seu jeito experiente e mãos leves, faz seu processo único de exame para a preparatória do parto da criança. Além disso, ela costuma dá orientações sobre o que fazer e não fazer nesse período de gestação para os cuidados tanto com o/a bebê quanto para com a mãe. Ela também é pescadora, e abaixo temos sua imagem.



Imagem 15: Iluminada, na Aldeia Severino – Tefé/AM. Registro da pesquisa de campo (2022).

³⁰ Relato fornecido por Iluminada à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

Na aldeia Severino, *Iluminada* costuma sair para pescar de manhã cedo ou durante à tarde, e faz uso de caniços (instrumentos de pesca feitos de varetas compridas de árvores com linhas e anzóis) ou de malhadeiras para pegar o peixe sempre com jeito habilidoso e experiente. É uma apurinã trabalhadora e juntamente com *Raio de Sol*, criaram e educaram juntos os/as seus filhos/as. Eles são avós e bisavós, visto que para seus netos repassam seus ensinamentos.

Ao lado do esposo, *Iluminada* escuta e também conta histórias. Eles/as se ajudam, se apoiam, se respeitam e, como todos os pais e avós, são preocupados com a conduta das crianças e jovens da aldeia. E na passagem com Krenak (2019), a voz anciã é uma linguagem atuante em prol do bem-estar de todos, da cultura, da história, do lugar de pertencimento. Os/as anciãos/ãs da aldeia Severino são considerados essas vozes, que não só encantam, alegram, mas ecoam a favor de vosso povo.

Iluminada transmite afeto para quem está ao seu redor, nos passa uma sensação como se ela também fosse a nossa mãe, avó ou parente fraterno. Com seu jeito tranquilo, carinhoso e cuidadoso ela nos acolhe. Ela faz de sua casa a nossa casa, nos proporciona um ambiente de ternura porque ela tem essa personalidade. É uma pessoa linda, que possui a sua maneira única de enxergar e fazer as coisas. De fato, é uma anciã apurinã iluminada que também ilumina outras pessoas com sua voz e presença. Conhecer pessoalmente um pouco dela nos levou a admira-la e a tê-la no coração assim como as outras vozes anciãs e parentes apurinãs da aldeia Severino.

Esperança possui as mesmas características de *Iluminada*. Ela tem 67 anos, nasceu em 1955 na aldeia Severino. É irmã de *Raio de Sol* e *Brilho de Luz*, cunhada de *Iluminada*. É também agricultora, pescadora, costureira, sabe lidar com a produção de artesanatos, e possui conhecimentos sobre a reza (benzedura). Ela cresceu junto com seus 12 irmãos na referida aldeia, formou família e continua morando neste local ao lado de seus 03 irmãos que ainda se encontram presentes no espaço de origem. Conforme *Esperança*, a vivência em aldeia sempre fez parte de sua vida desde que nasceu, juntamente com seus irmãos possuem ali seus laços terrenos de contexto histórico familiar. Ela aborda:

Eu e meus irmãos nasceu aqui, esse lugar foi onde nós cresceu e se criou. Minha mãe sempre foi muito trabalhadora com meu pai. Desde pequeno a gente andava por todo esse canto aqui, corria pra lá e pra cá nessa beirada, gostava de escutar o canto dos passarinhos e imitar eles, era legal, e quando a gente imitava ele cantar ele respondia, é como se ele tivesse conversando com a gente. De noite quando ia dormir sempre escutava a coruja cantar bem perto de casa, ela é bunita mas eu tinha medo, eu me arrupia quando ela cantava, porque a mamãe falava se a gente não obedecesse, o corujão ia vim

pegar e levar com ele pro olho do pau, mas a gente sempre obedeceu nossos pais com nossos avós. Tudo começou com a nossa família vindo pra cá. Eu escutando a história dos meus avós, eles vieram pra cá porque queriam um lugar pra viver tranquilo, que eles pudessem construir os seus espaços, aí eles chegaram e ficaram aqui. O que a gente aprendeu foi vivendo aqui. Hoje eu já tô velha, mas eu não me sinto velha não, ainda tenho força pra trabalhar, pra fazer as coisas, ainda lavo roupa, lavo vasilha, costuro, vou pra roça, gosto de pescar, cuido das minhas plantas, das galinhas, eu faço muita coisa ainda, porque eu gosto, se eu ficar parada minha filha, se eu fou dormir durante o dia pra mim eu já vou morrer (risos), me sinto mais bem fazendo as coisas (Esperança, 2022, informação verbal)³¹.

Com sua delicadeza *Esperança* narra a simplicidade e o encanto de se viver no lugar onde nasceu, ressalta suas pequenas aventuras de infância em que corria pelos espaços da aldeia, valorizando o canto dos pássaros. Com sua ingenuidade de criança, respeitava as palavras de sua mãe, uma vez que obedecia a seus conselhos. Para ela, a tranquilidade do espaço e o sentimento de liberdade por poderem construir seus espaços identitários fez com que desse origem ao seu lugar de origem, consolidando na construção da aldeia Severino. É uma anciã de vigor, que enfrenta as limitações da idade com bravura, uma pessoa animada e de autonomia única.

Esperança é atenta e tem sensibilidade para a observação. Possui dons para ouvir e perceber sinais, situações que para ela são significados. E faz das suas impressões e pontos de vistas, histórias para se contar. *Esperança* ressalta:

Uma vez quando eu era mais nova eu escutei um barulho bem forte na porta de casa, era como se alguém tivesse jogado uma saca de farinha grande, eu pensei até que alguém de casa tinha caído da rede, daí eu me levantei e fui olhar e não tinha nada, a porta tava fechada do mesmo jeito, e ninguém tinha caído da rede, tava todo mundo dormindo, eu perguntei em casa se alguém tinha ouvido algum barulho de noite na porta de casa e falaram que não, eu fiquei muito assustada. Parece mentira minha filha, mas no outro dia quando o meu irmão foi carregar farinha lá da roça onde tinha a nossa cozinha de forno, ele se acidentou no caminho quando foi mordido por uma cobra, e ele com a saca de farinha nas costas deixou a saca ali mesmo pra chegar mais rápido na beira por causa da dor do veneno da cobra. Quando não demorou ele chegou em casa e nós ficamos agoniados com ele. Com os ensinamentos que a gente sabia a mamãe fez remédio pra ele pra cortar o veneno da cobra, ele ficou bem, melhorou, mas onde ela mordeu até hoje ele tem a marca. São coisas assim minha filha. A gente tem que tá atento pra tudo, saber as vezes escutar também o chamado dos espíritos, porque pra mim é, que às vezes eles querem falar pra gente alguma coisa (Esperança, 2022, informação verbal)³².

³¹ Relato fornecido por Esperança à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

³² Relato fornecido por Esperança à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

Na visão de Munduruku (2016), toda palavra possui espírito. E este, para Munduruku (2016) é silêncio e som. O/a narrador/a indígena fecha os olhos para escutar os espíritos da chuva, da floresta, os espíritos dos animais, antes de começar o dia. A vida é o espírito em movimento. E os ancestrais indígenas conversavam com os espíritos, muitas vezes como pedido de proteção ou que os espíritos da natureza também lhe dão alertas e sinais de acontecimentos através de seus sonhos. E então, há muitas narrativas orais dos povos indígenas ancestrais que expressam que é preciso estar sempre atento aos diversos sinais que os espíritos da natureza oferecem.

De acordo com o que Kopenawa (2015) e Munduruku (2016) relatam sobre os indígenas terem conexão com os espíritos, que podem ser entendidos ou representados por sons, *Esperança* narra sua percepção de sinal através da escuta do barulho na porta de casa semelhante a uma saca grande de farinha arremessada nesta, que baseado nela, poderiam ser os espíritos avisando ou alertando algo, no caso, envolvendo o seu irmão, que poderia ser uma precaução sobre o acidente acontecido. São situações que, para ela, assustam e preocupam, mas envolvem ter atenção, aliás, para tudo que for realizar. *Esperança* costuma repassar essas experiências de escuta de sinais para outras pessoas da aldeia, um dom espiritual que carrega com ela.

Os/as contadores/as de histórias da aldeia Severino são pessoas próximas, parentes que moram perto um do outro em suas casas pequenas de madeiras cobertas com alumínio. Com eles vivem alguns de seus netos/as e seus filhos estão sempre presentes, os quais moram próximos e os visitam. As pessoas da aldeia, normalmente quando precisam realizar ou procurar solucionar alguma necessidade particular ou da aldeia, viajam ao município de Tefé-AM. *Raio de sol*, *Brilho de Luz*, *Iluminada* e *Esperança* nos levam a navegar com eles/as com seus olhares de experiência, que são histórias.

2.2 - O olhar dos contadores/as de histórias sobre as narrativas: O que significam?

As histórias contadas pelos/as anciãos/ãs da aldeia Severino são narrativas que eles/as valorizam e dão significados. Elas são contadas porque faz parte da natureza cultural deles/as, dando a elas os seus toques conforme participou, viu, ouviu ou imagina, e *Iluminada* afirma: “contar histórias a gente conta minha filha, a gente fala muitas coisas, a gente conta uma coisa aqui, outra ali, outras pessoas falam, ai vai vindo, vai contando”

(Iluminada, 2002, informação verbal)³³. Para cada contador/a, a história tem as suas particularidades. E ouvir um/a ancião/ã é um momento único que significa estar aberto para acolher e compreender o seu olhar de mundo.

Ouvindo *Raio de Sol*, as narrativas significam repassar o que sabe para as outras pessoas, levando para elas a sua mensagem. Ele segue os passos de seus ascendentes indígenas apurinãs, praticando o que gosta. *Raio de Sol* aborda:

Quando você conta uma história você conta ela do teu jeito, fazendo a tua harmonia, a tua graça, o teu gingado. E a história pra mim, significa falar com os parentes, passar o que eu sei, o que há muito tempo eu escutei meus velhos falar e o que eu vivo. Significa pra mim alegria, porque quando eu falo alguma coisa pras pessoas eu me sinto feliz, é igual como eu tô falando contigo, tu me perguntando eu vou te contando e isso pra mim é história, aonde eu chego eu gosto de contar histórias porque a gente conversa, já é meu jeito. Quando eu te conto a história da minha vida pra ti significa que eu tou te contando a história da minha experiência, e eu acho bom, é muito bom. E quando a gente conta a história do curupira, é pro cunhantã saber, é pra ter cuidado, é pra não brincar com as coisas que a gente as vezes não dá ouvido, é pra te ter atenção, é assim minha filha, (Raio de Sol, 2022, informação verbal)³⁴.

Raio de Sol em conformidade com Munduruku (2016), é um ancião contador de histórias que vê as narrativas como um caminho para sentar em roda e dialogar, alegrando e filosofando sobre elas. De acordo com *Raio de Sol*, as narrativas têm um sentido de aprendizado, de captar o que elas querem te transmitir e levar isso para a sua vida enquanto ser que vive em grupo social. Ele tem o seu ‘gingado’, habilidade gestuais para também animar, e jeito harmonioso de se conectar com as pessoas através de suas contações de narrativas.

Raio de Sol enfatiza que faz histórias com suas experiências, que quando as conta sente uma boa sensação. E toda história, para ele, pode ser compreendida baseado no que o contador/a quer passar, por exemplo, a narração sobre a curupira que é uma história constante nas falas dos narradores/as anciãos do local, visto que seu significado engloba também a atenção por onde andar.

Nesse caminhar, *Brilho de Luz* com o mesmo sentimento de *Raio de Sol* pelas as histórias, aborda que as narrativas significam se conectar com a sua origem indígena apurinã, com a sua cultura de fazer histórias pelas narrativas da vida que todo mundo tem. As histórias nos ligam ao que pensamos e somos, ressalta ele.

³³ Relato fornecido por Iluminada à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

³⁴ Relato fornecido por Raio de Sol à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

Pra mim as história não significa só lembrar do que eu escutei meus pais falar com meus avós, mas também pra mim significa lembrar do meu passado quando eu era criança, do que a gente sobrevivia, porque a lembrança tá na cabeça, nós não esquece, a gente só vai tendo mais lembrança ainda pra contar. O dia de hoje pode se transformar em uma lembrança pro amanhã, daqui uns anos quem sabe tu pode contar esse momento de agora pros teus filhos, netos ou outras pessoas: olha, tal dia eu fui lá na aldeia Severino e entrevistei apurinãs lá, aí tu vai contar, fazer a tua história do que tu viveu aqui, porque aquilo que nós tá vivendo vira em uma história pra contar. Todo mundo pode ser um contador de histórias porque tu não veve uma página em branco, alguma coisa tu tem pra falar, pra ensinar pra outras pessoas. Nós é indígena apurinã, e quando a gente veve a nossa cultura a gente aprende outras coisas com outras pessoas também, porque nós é uma mistura minha filha, nós não veve só, com nossos antigos a gente aprende muita coisa também (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)³⁵.

Brilho de Luz enfatiza o seu modo de enxergar as narrativas, que são uma ponte para o passado e fazem sintonia no presente. Sob esta perspectiva Maciel (2016) ressalta que as lembranças dos espaços vivenciados, também podem ganhar sentido de retorno ao lugar de origem, ou o caminho para um processo de afirmação indígena. *Brilho de Luz* revive sua origem apurinã por meio de suas narrativas, no processo de (re)construção de identidades. Nesse caso, baseado nele e seguindo a reflexão de Maciel (2016), as histórias consistem no reconhecimento de vozes próprias dos segmentos geradores da própria fala, visto que cada pessoa tem a sua experiência e a história própria para narrar. Os/as indígenas apurinãs têm as suas próprias vozes, raízes culturais pertencentes a eles/as, que com outras culturas as ressignificam.

Conforme *Brilho de Luz*, nos constituímos como contadores/as de histórias quando partilhamos as nossas lembranças, trazendo delas os marcos históricos que, para cada um/a, ganham significados a ponto de não ser esquecidas. E na sua abordagem, recorda que somos uma ‘mistura’, povos miscigenados, e que vamos caminhando sempre em interação social com outras pessoas.

Para *Iluminada*, as narrativas significam adquirir aprendizado, visto que com as histórias de vida também se aprende, e sobre isso, segundo Maciel (2016), faz parte de um modo de vivenciar a memória ancestral indígena. Ela nos conta:

Com toda história contada a gente pode transmitir alguma coisa de saber e a gente também pode aprender alguma coisa de saber com o que é falado por outra pessoa. Quando eu vim pra cá morar com meu esposo naquele tempo, eu vim mais do que aconselhada pela mamãe e o papai. E a mamãe pra me

³⁵ Relato fornecido por Brilho de Luz à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

aconselhar contou a história dela pra mim. Disse que quando ficou com meu pai ela também era muito nova igual eu, saiu da casa dos pais dela casada com meu pai, porque antigamente era assim: a gente não saía de casa amigada, a gente saía casada ou se ficasse junto tinha que casar. Daí, ainda nova quando se decidiu casar com meu pai, eles construíram junto tudo do zero, e depois que nós nasceu criaram nós com respeito, com a educação que tinham. Me disse que o papai tinha o jeito dele durão às vezes mas que nunca bateu nela não, até ele falava que se um homem bate numa mulher é porque ele não é boa peça não, porque ele se acovarda medindo a força bruta com uma mulher, e o papai não era assim, o tempo que eu vivi com eles eu nunca vi ele tratar mal a minha mãe e nem nós. Daí a mamãe falou pra nós saber se respeitar, porque se não tiver respeito, não tem como dar certo, e o papai também aconselhou o *Raio de Sol*, pra ele me respeitar, e se um dia a gente brigasse e ele não quisesse mais viver comigo, era pra me levar de volta pra onde me encontrou, mas que não era pra me bater não. É assim, é sempre conversando que a gente se entende. (Iluminada, 2022, informação verbal)³⁶.

Iluminada, através de sua narração, aborda a questão do convívio familiar, havendo para isso o respeito, algo que também se adquire com a educação que recebe. Ela narra fazendo memória da narrativa contada pela sua mãe sobre sua história de vida, no caso, quando constituiu família com seu pai, enfatizando a questão, por exemplo, da não violência contra a mulher, pois que deve ser respeitada e, vice versa, um respeitar o outro. *Iluminada* ressalta valores étnicos de conduta, uma vez que para ela, “é sempre conversando que a gente se entende”, fazendo crítica sobre quem às vezes usa da força bruta para tentar resolver as situações de conflitos. Uma narrativa que se constituiu como norte quando também formou família com *Raio de Sol*, recebendo de seus pais essas orientações, que do mesmo modo, pode se constituir como conselho para seus filhos/as e netos/as, valorizando o diálogo no seio familiar.

Neste caso, a violência contra a mulher, seja ela verbal, física ou psicológica, é uma ação criminosa bastante presente em nossa realidade atual, muitas vezes marcada pelo feminicídio, por atitudes machistas de homens que veem a mulher como inferior ou que deve ser submissa a ele. E *Iluminada* nos lembra que toda mulher, negra, indígena ou branca deve ser respeitada, e ninguém tem o direito de calar a sua voz, e para isso, existem os meios de combate e prevenção. Observamos que os/as apurinãs também conscientizam sobre isso, uma vez que ações, por exemplo, de violência, discriminação e o discurso do ódio são pistas da colonização ainda presente, que muitas vezes afetam lares, pessoas sociais e culturais.

Assim como *Raio de Sol*, *Brilho de Luz* e *Iluminada* enfatizam suas considerações sobre as narrativas, *Esperança* aborda que as histórias possuem seus valores e que significam

³⁶ Relato fornecido por Iluminada à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

proporcionar interação mútua entre contador e ouvinte, pois quem conta, move aquele que escuta. *Esperança* ressalta:

A história pra mim é uma coisa boa, é um sentimento bom, é uma coisa que a gente sempre viu com nossos mais velhos. Eu acho que é uma coisa que a gente não pode deixar de fazer porque é a nossa cultura, já tá no nosso viver esse modo, porque a gente conta quando tá reunido, e é bunito de se ver. Em casa, a mamãe fazia aquele café com banana de noite e a gente sentava assim no chão e papai começava contar histórias, e quando ele contava parece assim que mexia com a gente. É uma coisa que pra mim significa muito. Papai falava e nós escutava, a gente ria quando era engraçado e nós fazia perguntas também e papai respondia com toda vontade que ele sabia. A história minha filha já tá em nós (*Esperança*, 2022, informação verbal)³⁷.

Para *Esperança* as histórias também possuem suas magias de envolver, conforme salienta Munduruku (2016) em sua obra “Vozes ancestrais: dez contos indígenas” sobre a relevância das narrativas como patrimônio cultural imaterial. No caso, ao referir como patrimônio cultural imaterial, significa dizer que elas são expressões culturais indígenas que ecoam por sua relação com ser indígena, quando *Esperança*, por exemplo, afirma que a contação de histórias “é uma coisa que a gente não pode deixar de fazer porque é a nossa cultura, já tá no nosso viver esse modo, porque a gente conta quando tá reunido, e é bunito de se ver”. É um patrimônio imaterial ligado com seus saberes, com suas vivências e experiências, com as seus sentimentos e emoções vividas, que diante de sua realidade contam histórias e sempre trazem presentes os seus momentos de quando escutava. *Esperança* ressalta seus sentimentos afirmativos sobre a narrativa, fazendo por meio dela as suas reflexões e volta ao seu passado, numa afirmação étnica indígena.

Ela relembra os momentos de narrações como se fossem ambiente em escola, de forma que o professor ao explicar o assunto motiva os estudantes a exporem suas opiniões ou a perguntarem, numa troca interdisciplinar de conhecimentos de mundos com os relacionados a dos livros. E essa prática de narrar pode ser considerada também como aula de aprendizado, visto que cada contador/a, conforme *Esperança* quando recorda as contações pelo seu pai, tem essa capacidade de propiciar essa interação social e cultural sob domínio de seus conteúdos oriundos de seus antepassados e reminiscências.

No diálogo com Krenak (2015), a narrativa oral indígena é uma linguagem de significados. E estes dialogam com a cultura, com a história indígena, expressando a concepção indígena sobre os processos da história e do mundo, criando as suas próprias

³⁷ Relato fornecido por *Esperança* à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

noções de tempo e formando a sua consciência própria das coisas. Os povos indígenas, assim como as vozes anciãs da aldeia Severino, são autores protagonistas da escrita sobre sua maneira de ver o mundo, a sua cultura, possuindo suas cosmovisões. São leitores desse tempo que nos rodeia. E cada voz indígena também é às vezes um pedaço da terra falando no seu sentido de seu significado de valorização cultural.

CAPÍTULO III - AS PRÁTICAS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO DIALOGAÇÃO PARA A AFIRMAÇÃO DAS IDENTIDADES INDÍGENAS APURINÃS DA ALDEIA SEVERINO TEFÉ/AM

A contação de histórias é uma prática cultural que os/as anciãos/ãs da aldeia Severino vem realizando desde seus tempos mais antigos, um hábito praticado também pelos seus ancestrais indígenas apurinãs, por pessoas que de alguma forma marcaram suas vidas e as carregam em suas reminiscências. Através destas práticas de contações realizadas no local, consideramos que as narrativas dos/as contadores/as de histórias se constituem como dialogação para a construção de identidades e afirmação étnica dos indígenas apurinãs da referida aldeia, visto que suas histórias fazem conexão com sua origem, com o modo de ser indígena apurinã, e elas de alguma maneira ajudam no processo dessa formação humana do ser indígena e, por meio delas as pessoas aprendem com os contadores/as de histórias.

E quando falamos na construção de identidades, cabe abordar que a identidade está inerente ao conceito sobre o qual Hall (2006, p. 13) nos apresenta, que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. O que somos, o que fazemos, o que pensamos e o que nos tornamos faz parte do processo identitário. Nós formamos a nossa identidade pessoal uns com os outros, no coletivo com outras visões e culturas. Cada dia podemos nos construir e reconstruir o nosso “eu”, a nossa maneira de ser e de aprender, partindo da realidade de globalização, hibridação e dinamização que vivemos. E sobre isso, Hall (2006, p. 14) ressalta:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Identidade cultural então é compreender um tempo de mudança em que o moderno pode se ligar com o tradicional, e conhecimentos diferentes podem ser tecidos juntos para formar e afirmar identidades. Como seres sociais e culturais que somos, giramos entorno de ideias e de uma variedade de princípios, que vem se (re)construindo de acordo com o tempo, características dos seres humanos. E os/as apurinãs da aldeia Severino com seus diferentes modos de ser, vão formando identidades sob o olhar do passado com o presente, no processo de ligação à sua origem ancestral apurinã.

E conforme Fonseca (2019), ter uma identidade é possuir uma identificação, um sentimento de pertencimento, e acima de tudo se sentir valorizado e reconhecido. A Cultura como um todo integrado conduz para o laço identitário de um povo, e a tradição oral das histórias é um costume que traz como marcar identitária a raiz ancestral indígena apurinã. Ao contar, eles/as recordam, e através da memória é possível conhecer a sua própria história e afirmar a sua identidade cultural.

Ao dialogarmos com *Raio de Sol*, aborda que a arte do contar é um momento precioso que promove não apenas prazer, alegria, interação entre os parentes, mas um encontro de lembranças que trazem benefícios para sua vida pessoal e para a aldeia. Conforme ressalta:

Quando a gente conta alguma coisa minha filha, a gente alegre e a gente aprende também. Antigamente, com a pouca gente que nós era eu lembro que nós se reunia, a gente ficava sentando assim todo mundo junto, aí eles conversavam, algumas vezes eles combinava de fazer alguma coisa junto: tal dia nós vamo roçar, tal dia nós vamos fazer ajuri, nós se juntava pra fazer as coisas da aldeia, porque na aldeia a união faz as coisas acontecer, quando as pessoas quer, porque ninguém pode obrigar ninguém a fazer que não quer. E o papai com nossos mais velhos ensinava isso pra gente, tem que ter alguém que represente, que seja responsável pra fazer as coisas, pra também guiar a nossa aldeia, porque todo mundo tem a sua voz, ninguém dá voz pras pessoas, porque ela já nasceu com a voz dela, mas a nossa voz precisa ser valorizada, quando a gente dá um conselho pros cunhantãs e eles ouve a nossa voz, é muito bom, mas quando não quer e não obedece nossos conselhos é como não valorizasse o que a gente fala. Mas com nossos mais velhos ensinando as coisas eu aprendi, o pouco que eu sou, o pouco que eu sei nessa vida foi escutando eles, foi vivendo todos esses anos aí, porque nós tem que ser responsável como eu via que eles sempre foi. E quando eu lembro dos meus tempos antigos é como se fosse hoje. As pessoas vão mudando, o nosso espaço vai mudando, a gente vai vendo novas caras, nossas famílias vai aumentando, mas nós ainda tem os nossos costumes que nós tinha antigamente, é uma coisa que ainda fica em nós porque a gente veve isso. E hoje aqui na aldeia eu sou considerado o segundo tuxaua da aldeia, porque o primeiro é o meu irmão, ele não tá aqui porque tá resolvendo umas coisas na cidade. Mas se hoje eu sou tuxaua é porque as pessoas considera a gente, e foi com nossos mais velhos que eu fui aprendendo, fui sendo o que eu sou, foi vendo eles, escutando eles, eles também me deram a direção da vida. (Raio de Sol, 2022, informação verbal)³⁸.

Raio de Sol, na sua narrativa vai tecendo diálogos de suas memórias, visto que uma lembrança vai puxando a outra. E de acordo com Bosi (1994), a memória de toda pessoa depende do seu relacionamento com a família, com os grupos de convívio na qual vive e

³⁸ Relato fornecido por Raio de Sol à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

viveu. As lembranças de *Raio de Sol* são voltadas para seus momentos de convivência com os seus parentes, recordando a vida enquanto aldeia no seu tempo de infância e que faz ligação com a realidade presente.

Ele aborda a forma de como essa relação familiar ancestral indígena ajudou a ser o que é hoje, construindo e formando aos poucos a sua identidade como ser indígena apurinã, quando aborda: “e foi com nossos mais velhos que eu fui aprendendo, fui sendo o que eu sou, foi vendo eles, escutando eles, eles também me deram a direção da vida”. Observando, ouvindo e praticando o que seus ‘mais velhos’ ensinaram, ele aprendeu, se tornando uma pessoa responsável que também olha pela aldeia.

Para *Raio de Sol* “todo mundo tem a sua voz, ninguém dá voz pras pessoas, porque ela já nasceu com a voz dela”, a comunicação é uma característica constante do ser humano, visto que possuímos as nossas próprias formas de nos conectarmos, que na socialização uns com os outros, estas podem ser amplificadas sob o prisma de sua valorização.

Como observamos nas palavras de *Raio de Sol*, a construção e afirmação de identidades acontece no dia a dia, por meio também do fazer diário, da maneira como as pessoas mais experientes dizem para realizar as ações enquanto pessoas que vivem o coletivo, pois suas vidas se organizam por meio dessas características que caracterizam seus modos de ser indígenas. A prática do contar se consolida em aprendizagens que norteiam o ser indígena. E nesse sentido, *Brilho de Luz* aborda:

Contar histórias pra mim contribui muito, porque eu vejo que é bom, faz a nossa cabeça trabalhar porque da nossa mente vem o que a gente lembra, nossos aprendizado que nós aprendeu pra nosso viver. Dizem que quando a gente vai ficando mais velho a gente vai ficando gagá, já vai começando a falar besteira, coisa com coisa, não vai se dando mais conta do que fala. É uma coisa que as vezes falam por ai. Mas dos anos que eu lembro, eu nunca vi nossos mais velhos falar besteira não, tudo que eles falava era de um jeito sabido, e se te contava uma história, era bem contada que parece que na fala deles a gente tava vivendo aquilo. Meu pai, mesmo doente sabia fazer as coisas, ele não fazia, não podia fazer porque já não podia mais, mas sabia dizer como era pra fazer. Pra fazer uma roça era ele que articulava: chama teus irmãos, faz assim, desse jeito. Orientava a gente, falava pra gente cuidar bem da nossa mãe quando ele não tivesse mais aqui, reunia nós. Hoje, cada um com suas famílias fazem suas coisas, mas a gente se ajuda quando a gente pode pra fazer as coisas. E a gente tenta dá os mesmos aprendizado que nossos pais deram pra gente pras nossas crianças, pros nossos parentes quando quer escutar, porque a gente é esse coletivo que nós veve (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)³⁹.

³⁹ Relato fornecido por Brilho de Luz à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

Brilho de Luz enfatiza o ato de contar histórias como contribuição para o exercício diário de seus aprendizados, algo que contribuiu para sua vida e convivência na presente aldeia. Ele considera as vozes anciãs de origem ancestrais indígenas como sábias, desmitificando a expressão popular de que quando “a gente vai ficando mais velho a gente vai ficando gagá”, indo em sintonia com Ecléa Bosi (1994) quando ressalta em seu livro “Memória e sociedade: lembranças de velhos” que as pessoas ‘mais velhas’ são os guardiões do passado, narradores/as de suas próprias experiências ou daquelas contadas por outros.

Brilho de Luz lembra dessas vozes e as fazem presentes, recorda as orientações que recebia do pai, que mesmo impossibilitado fisicamente, sabia dá os direcionamentos em prol da realização de atividades coletivas, como o trabalho da agricultura, em que os irmãos reuniam e se ajudavam, recebendo inclusive, conselhos de cuidados para com a sua mãe. Estas orientações também lhes ajudaram no seu processo de aprendizado enquanto pessoa de origem indígena apurinã, adquirindo os conhecimentos para suas ações e (re)construindo sua identidade.

Esperança, no mesmo caminho que *Raio de Sol* e *Brilho de Luz* foi formando a sua concepção de mundo por meio de suas vivências na aldeia Severino, ouvindo sempre as palavras semeadas no seu espaço local pelos seus ‘mais velhos’:

A nossa vida é um eterno aprendizado. Até com as dificuldades da gente a gente aprende, porque se você erra aqui, amanhã você já faz diferente pra tentar acertar e já não faz a mesma coisa porque sabe que não vai dar certo. Desde pequena quando eu ia na canoa pescar com minha mãe, eu ficava olhando o jeito dela pescar, dela colocar a casa do cupim na água pra pegar o peixe, era tão legal. Tudo o que a mamãe ia fazer eu ficava olhando porque o que ela tava fazendo eu queria fazer. Minha mãe me ensinou a tecer balaio, tipiti, a fazer roupas costurando, paneiro, peneira, coisas que a gente usa pra gente fazer as coisas aqui na aldeia. Papai como sempre gostou de contar histórias, falou uma vez pra gente que nós somos igual canoa, guiados por quem está dirigindo ela. Nós era a canoa e eles o nosso condutor do motor, porque se tu não souber lidar com a direção do motor, tu pode cair na água ou até alagar a canoa, errar o rumo dela. Mas nós como canoa deles fomos bem guiado por eles. O que a gente é, foi vivendo aqui com eles, foi vendo eles fazer, foi escutando nossos mais velhos falar. E como apurinã a gente aprendeu a nossa cultura, a gente veve a nossa cultura, a gente trabalha, a gente produz, a gente faz uma coisa aqui e ali, e como nós as nossas crianças vão aprendendo coisas pra vida delas, também vão pra escola que hoje graças Deus a gente tem aqui, e é bom demais ver nossas crianças querer aprender (Esperança, 2022, informação verbal)⁴⁰.

⁴⁰ Relato fornecido por Esperança à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

Em conformidade com Ecléa Bosi (1994) todo/a narrador/a conta o que extrai de sua memória, que para ele/a tem algum significado. *Esperança* é uma anciã ligada ao que viveu, e juntamente com seus irmãos, cresceram aprendendo as habilidades artesanais da vida repassadas pelos pais como, por exemplo, a tecelagem de peneiras, paneiros e demais outras. Cada um possui seu jeito único e suas especialidades para realizar as ações no seu ambiente local, conforme também viram e ouviram ensinar. Tiveram a presença das vozes experientes de seus avós e através deles também aprenderam a andar pela vida, considerando os erros humanos como possibilidades para novos caminhos de descobertas e acertos.

Recorda as palavras do pai, quando os comparavam como canoa “guiados por quem está dirigindo ela”, ressaltando a boa direção que tiveram pelos pais e seus mais velhos entorno das ondas da vida, podendo ser estas, os desafios e as dificuldades humanas.

Esperança com o passar do tempo foi formando a sua própria identidade indígena apurinã junto com as outras pessoas da aldeia, quando cita: “o que a gente é, foi vivendo aqui com eles, foi vendo eles fazer, foi escutando nossos mais velhos falar. E como indígena apurinã a gente aprendeu a nossa cultura, a gente veve a nossa cultura, a gente trabalha, [...]”. E ela hoje também pode ser considerada como influência para o processo de construção das identidades indígenas apurinãs e afirmação étnica das demais crianças da aldeia, no caso, através de seu viver diário e por meio dos momentos de suas contações pelas quais enfatiza sempre seus sentimentos pelo espaço de origem.

Com as práticas da contação *Illuminada* também adquiriu saberes que ajudaram na sua formação humana, no seu modo de ser e como aprender a buscar comida na matas e nos rios uma vez que tem conexão com os momentos de convívios tanto no seu local onde nasceu quanto no espaço coletivo que vive. E as vozes anciãs presentes em seu seio familiar se constituem como base para esse direcionamento. *Illuminada* conta:

Eu quando me recordo do lugar onde eu nasci eu também tenho muitas lembranças também, igual como eu tenho aqui, porque aqui eu já tenho uma vida toda vivida. Até quando eu morava lá no Uirapuru eu ainda cheguei fazer as minhas presepadadas de criança, lá pelos meus 8, 9, 10 anos por aí. A gente gostava de pular na água na beira do lago, quando não demora, lá vem o papai descendo com o cipó na mão pra chamar nós, e nós com medo, corria pensando que ele ia bater nós, a gente subia nas árvores que tinha perto de casa ou a gente se escondia no mato pra ele não achar nós, era engraçado depois, porque na hora a gente tem medo de apanhar, mas papai nunca bateu nós não, ele só fazia dizer o que não era pra fazer, aconselhava nós. Aqui também meus sogros sempre aconselharam nós, sempre tiveram muitas histórias e a gente aprendia com elas, a gente escutava eles também. Mas aqui é assim, a gente vai aprendendo a viver, vamo aprendendo aos poucos as coisas, e nós aprende também trabalhando, plantando, e a gente

planta porque gosta e pra sobreviver, porque a roça pra nós sempre foi a nossa sobrevivência, de lá nós tira o nosso alimento, e a gente veve de outras coisas também, faz outras coisas, a nossa vida é assim, vivendo as coisas aqui. Tem tempo bom, tem tempo ruim, mas nós vai vivendo por que faz parte da nossa vida essas coisas (Iluminada, 2022, informação verbal)⁴¹.

Iluminada traça lembranças oriundas do seu trajeto pessoal e coletivo, recorda momentos considerados engraçados de sua infância, que através deles, também aprendeu, visto que quando realizava ações que, para seus pais envolviam perigos, eles/as a aconselhava. Além disso, enfatiza as contações de histórias nos convívios com os parentes apurinãs, como também processo de suas aprendizagens, aliás, na (re)construção de sua identidade indígena e afirmação étnica, quando ressalta “a gente vai aprendendo a viver, vamo aprendendo aos poucos as coisas, e nós aprende também trabalhando, plantando”. Uns com os outros vão construindo e reconstruindo suas concepções de pensamentos, de ações, de mundo. Ela faz referência ao que é vivido e realizado no local onde vive, visto que tem seus momentos bons e ruins.

Iluminada, *Raio de Sol*, *Brilho de Luz* e *Esperança* são anciãos que possuem suas histórias de vidas e contadas, as quais contam para outras pessoas da aldeia Severino, pois conforme Bosi (1994, p. 407), “o encontro com velhos parentes faz o passado reviver com um frescor que não encontraríamos na evocação solitária”. Eles/as partilham o que sabem como vozes da experiência, que assim como constituíram suas identidades ouvindo e exercendo a prática diária em ambiente de origem, eles também repassam o que aprenderam. E esse processo, segundo Márcia Nunes Maciel (2016) de etnia Mura, vem da ancestralidade indígena, é um aprender fazendo, observando os movimentos, escutando as vozes sábias, os sons e sentindo os cheiros da natureza. E Bosi (1994) complementa que, lembrar não é apenas reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com opiniões ou ideias de hoje, as experiências do passado sob uma visão de (re)construção e ressignificação identitárias.

3.1 - A arte do contar: Navegando sobre as narrativas dos contadores/as de histórias.

As narrativas deste tópico correspondem às experiências nos espaços amazônicos da aldeia Severino atualizadas nas memórias dos anciãos/ãs contadores/as de histórias da referida aldeia. São histórias ligadas às atividades de caça, pesca, coleta de castanha, educação dos

⁴¹ Relato fornecido por Iluminda à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

filhos, experiências vividas e também ouvidas que oriunda em suas histórias culturais. E por meio delas, sempre algum ensinamento tem a repassar para os seus ouvintes, uma vez que também é uma forma de dialogação para a construção de identidades e afirmação étnica.

As histórias indígenas, segundo Kambeba (2021), também é poesia, contada pelas vozes poéticas de homens e mulheres indígenas que muitas vezes vivem o verso da cooperação, da solidariedade, da cumplicidade, da reciprocidade e o verso da resistência, e resistir é prosseguir, é progredir em meio às dificuldades da vida. O ato de ouvir histórias sobre temas do cotidiano vem da ancestralidade, de gerações do passado para transmitir sabedoria no presente. E mediante Krenak (2019), as narrativas dos povos indígenas não são apenas para contar histórias bonitas e encantadoras, mas de propor e levar a reflexão aos mais jovens e demais pessoas do local.

Raio de Sol nos relata sobre os cuidados que se deve ter em meio à mata da floresta, visto que é necessário ter o olhar atento para cada detalhe ao seu redor. Assim como todos nós temos as nossas vozes próprias, a natureza também às vezes tem a sua própria proteção. Nesse sentido, *Raio de Sol* aborda:

Teve uma vez que um neto meu já adulto foi caçar com um amigo dele pra cá pra esse lado de dentro da aldeia, um pouco longe daqui. Daí eles se separaram, meu neto foi pra cá e o outro foi pra lá, que é uma coisa que a gente nunca deve fazer quando duas pessoas saem pra caçar. Aí, depois de muitas horas, parece que deu vontade do meu neto ajuntar tucumã debaixo do tucumazeiro, quando de longe o outro amigo dele avistou ele, mas o amigo dele disse que na vista dele não era ele, era um porco do mato, porque debaixo do tucumazeiro não falta bicho não, é cutia, é viado, porco do mato, tudo vão pra lá pra comer tucumã. Daí, o meu neto intetido lá ajuntando tucumã, o outro foi chegando mais pra perto pra atirar no porco do mato que tava vendo lá debaixo do tucumazeiro, mas que era o meu neto. Ai, quando ele atirou ele correu pra lá, e quando ele chegou ele viu que não era o porco do mato, era o meu neto. Ai o outro pegou ele nos braços tentou espertar ele, mas não conseguiu, porque como que vai escapar de um tiro desse. Daí, ele desesperado trouxe ele, e o homem ficou quase doido porque pra ele, na vista dele era um porco do mato que ele tava vendo, ele disse que ainda chegou mais perto pra ter certeza, mas a imagem do porco do mato era o que ele tava vendo. E nós na hora ficou revoltados, os pais dele com os outros meus sobrinhos e netos querendo matar o homem que tinha atirado nele, e o homem se entregou, falou que quisesse matar ele podia matar porque até ele já queria morrer porque não acreditava no que ele tinha feito não, aquela imagem do porco do mato não saia da cabeça nele. Mas ninguém fez nada com ele não, porque nós aqui não mata ninguém não, mas na hora da raiva a gente fala besteira e pode fazer besteira também. O homem podia até ter se confundido, mas a mata às vezes é um mistério, porque se tu tá querendo matar algum filho meu, tu acha que eu vou deixar? porque todo pai é protetor, igual a mata, a mata também tem os meios de proteção dela, de proteger também os bichos, que pra nós as vezes é invisível, nem todo

mundo enxerga não, mas que existe. (Raio de Sol, 2022, informação verbal)⁴².

A narrativa abordada pelo *Raio de Sol* expressa uma realidade real sobre os perigos envolvendo o hábito de caçar, havendo para isso, atenção, cuidado, observação, pois acidentes podem acontecer. A mata, para *Raio de Sol*, possui seus encantos, carregada de mistérios invisíveis que, na concepção indígena apurinã, existem, visto que é considerada protetora de seus fenômenos naturais. Contudo, em atividade de caça é recomendado não sair juntos para caçar ou não se separar nesse momento, pois de repente no ato de descuido ou até mesmo por falta de experiência um pode ferir o outro, onde muitas vezes pode levar à perda da vida.

Experiências como essa, levam para uma memória indígena, uma memória às vezes sofrida, pois que se trata de um acontecimento inerente ao seu ente familiar e que conta como exemplo para os demais jovens da aldeia para precavê-los e orientá-los. Se constitui em uma memória baseada nas maneiras de como fazer, agir e se comportar diante de situações que muitas vezes exigem preparo. E baseado em Maciel (2016), os modos e fazeres que também são ligadas às maneiras de viver na aldeia, fazem partes da construção de identidades e afirmação étnica. *Raio de Sol* também traz narrativa de reflexão envolvendo o lado protetor de todo pai e toda mãe, quando aborda:

A coruja teve dois filhos, daí ela precisou sair pra procurar comida pra eles, e no caminho ela encontrou a raposa. Daí elas se falaram, e a raposa falou pra ela que ela também tava caçando procurando o que comer. E a coruja falou pra raposa que ela podia comer tudo que quisesse, menos os filhos dela. Daí ela disse: dona raposa, se a senhora encontrar meus filhos no caminho, não coma eles. E a raposa perguntou da coruja como eles eram, e a coruja tinha falado pra ela que os filhos dela eram as coisas mais lindas que ela encontrasse no caminho. E aí raposa foi e disse que ela não iria comer os filhos dela não. E nessa andança da raposa ela encontrou os filhos da coruja, mas ela não conheceu, não sabia se eles eram os filhos dela, porque a coruja tinha falado que os filhos dela eram as coisas mais lindas que ela encontrasse, e pra raposa ela achou eles muito feio, então não podia ser eles. E ela então comeu os filhos dela. Quando passou de volta pela coruja, a coruja perguntou pelos filhos dela e a raposa disse que ela não tinha encontrado os filhos dela não, que ela podia ficar tranquila. Quando a coruja chegou onde tinha deixado os filhos dela eles não estavam mais e ficou muito triste, chorou e foi tomar satisfação com a raposa porque ela mentiu pra ela e comeu os filhos dela. Quando ela falou com a raposa, a raposa ficou surpreendida, porque pra ela não era os filhos da coruja que ela tinha comido porque a coruja falou que eles eram a coisa mais linda de tudo que ela encontrasse, e a raposa quando viu achou eles horrorosos, feios, então não podia ser dela. E assim mesmo é a gente, pra nós os nossos filhos são tudo, e todo pai, toda mãe é capaz de fazer tudo por eles. É igual nós com nossos

⁴² Relato fornecido por Raio de Sol à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

filhos, e nós tem que ensinar eles a fazer as coisas que vão ajudar eles pras vida deles (Raio de Sol, 2022, informação verbal)⁴³.

Raio de Sol, com sua história, apresenta a visão dos pais sobre seus filhos, conforme afirma “pra nós os nossos filhos são tudo, e todo pai, toda mãe é capaz de fazer tudo por eles”. Através da história sobre a coruja com a raposa, ele aborda a relação de proteção, de afeto, de preocupação que todo pai e toda mãe com os avós têm para com seus filhos/as e netos/as. E os/as apurinãs apresentam essa relação nas suas vivências diárias da aldeia, uma vez que em prol de torna-los também independentes, eles/as não apenas fazem algo por eles/as como a produção de um ‘reminho’, de um ‘paneirinho’, mas também os ensinam a fazer, para que também aprendam, quando *Raio de Sol* ressalta: “nós tem que ensinar eles a fazer as coisas que vão ajudar eles pras vida deles”.

Por meio desta narrativa observamos que nem todo mundo terá a mesma concepção sobre o que consideramos e pensamos ser, pois, por exemplo, a coruja tinha uma visão diferente da que a raposa teve sobre seus filhos, e desta forma se constitui na realidade, outras situações podem ser vistas de formas distintas porque temos visões diferentes.

Partindo da concepção de que as histórias também partem das vivências diárias, *Brilho de Luz* enfatiza sobre as situações de precauções em ambiente de pesca, visto que os rios também têm os ‘seus antigos’, aqueles/as que vivem neles há muitos anos e todo cuidado se faz necessário. Ele ressalta:

Uma vez eu tinha saído já de noite pra pescar com a mulher, quando de repente lá na beira do igapó, eu vi aquele dois olhos iluminados que pareciam aqueles holofotes de barco grande vindo em nossa direção. Daí eu já sabia que boa coisa não era e só podia ser cobra e daquela maceta porque era grande. Aí eu tava com a lanterna focando e quando aqueles olhos grandes vinha vindo eu apaguei a lanterna, porque com certeza a luz da lanterna tava chamando a atenção dela por isso ela tava vindo em nossa direção, e se eu não tivesse apagado quem sabe ela tinha alagado a nossa canoa e pego nós, porque a luz é chamativa pra qualquer animal. Quando eu apaguei, aqueles olhos foram sumindo pro fundo, a onda foi baixando, mas o banheiro dela ainda bateu na nossa canoa. E a gente querendo ou não fica espantado, mesmo tendo experiência, mas nós fica assim pensando o que poderia ter acontecido. Ainda bem que a mulher foi comigo, porque a minha avó uma vez falou que cobra grande consegue encantar uma pessoa se ela estiver sozinha, mas se for duas pessoas ela não consegue encantar tanto, porque aí são quatro olhos contra dois olhos. A gente costuma dizer que os rios tem os seus antigos, e tem mesmo. E uma vez meu pai falou quando eu perguntei como era pescar, ai ele falou que pescar é emoção mas tem seus perigos, e é verdade. (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)⁴⁴.

⁴³ Relato fornecido por Raio de Sol à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

⁴⁴ Relato fornecido por Brilho de Luz à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

A pescaria é uma atividade que os/as apurinãs costumam realizar desde os tempos mais antigos, um dos meios de sobrevivência deles/as. E *Brilho de Luz* ao relatar sua experiência de pesca, relembra sobre os ensinamentos de seus mais velhos sobre essa atividade e outros hábitos que realizam no espaço da aldeia. E a partir de sua própria vivência de autossustentação, assim como esta, ele dialoga com outras pessoas da aldeia Severino também como forma de repassar o que passou baseado nos seus alertas e conselhos sobre esta atividade, bem como para outras ações.

Ele como pescador também adquiriu as experiências com o pai, avô e demais pessoas, um costume de sobrevivência que aos poucos foi desenvolvendo a sua própria forma de como pescar e como agir diante de desafios, e isso se conecta ao modo de ser dele, um indígena apurinã de várias habilidades que coloca na prática diária o que aprendeu e vivenciou com seus pais, vindo de seus ascendentes. E como ressalta Maciel (2016, p. 41), “as redes de relações de conhecimentos percorrem toda a comunidade e vão para além de ser mais velho, ou mais novo, de ser homem ou mulher”. Toda e qualquer pessoa possui seus saberes, modos de ser, costumes únicos que fazem parte da vida em aldeia.

A história citada sobre a cobra-grande é baseada na vivência real de *Brilho de Luz*, pois sua memória traz esse registro. Acontecimentos como esse muitas vezes são presentes na realidade dos pescadores, os que lidam com rio, inclusive, à noite.

Iluminada nos conta a sua experiência com a coleta de castanha, uma atividade de consumo produtivo presente nos costumes dos apurinãs da aldeia Severino, mas que necessita observar tanto para cima quanto para baixo da castanheira, pois também possui seus perigos:

Quando eu era mais nova com Raio de Sol, nós tinha ido ajuntar castanha lá pra dentro, mais os pais dele falaram pra nós ter cuidado, pra gente olhar pro chão que a gente pisa porque na raiz da castanheira costuma dá muita cobra, elas gostam de ficar lá no cantinho e é perigoso, e também ficar atento pra cima pra quando o ouriço de repente cair, e a gente não pode ficar muito tempo debaixo de uma castanheira, tem que ser rápido pra procurar castanha porque é perigoso sofrer acidente com o ouriço. E quando a gente foi, nós lá já debaixo da castanheira, a gente procurando castanha, eu ficava pensando, porque a mãe do Raio de Sol falou que uma parente dela tinha ido ver a roça dela e de repente deu vontade dela ajuntar castanha, aí ela ouviu tipo uns assobios, e ela curiosa pra ver da onde tava vindo esses assobios, ela ia entrando mais pra dentro da castanheira chegando quase perto da raiz da castanheira. Ai, quando os assobios pararam um pouco, ela parou de andar e deu vontade dela sentar pra descansar, aí ela sentou assim em cima de um galho de árvore bem grosso, que pra ela era um pedaço de árvore arriada alí, na vista dela era. Aí ela com o terçado na mão deu vontade dela rapar aquele galho de árvore, no que ela ia rapando aquelas escamas foram caindo,

quando ela viu, ela se levantou e no que ela foi olhar direito, ela tava sentada era no rabo de uma monstra da cobra, era tão grande que já nem se movia direito. E ela foi olhando da onde ela tava pra ver aonde que tava a cabeça da cobra, e quando ela enxergou, a cobra já tava era só de boca aberta atraindo ela já pra ela entrar dentro da boca dela. E ela no que viu aquilo, saiu correndo pra fora da castanheira e foi embora. E descobriu que os assobios que ela tava escutando era a cobra atraindo ela. (Iluminada, 2022, informação verbal)⁴⁵.

Iluminada, a partir da coleta de castanha com o *Raio de Sol*, narra uma história contada sobre essa atividade sob um olhar de precaução e atenção. Ela interliga sua vivência com a narrativa ouvida, tecendo rede de reflexão para quem a escuta. O hábito de coletar castanhas também é um processo de aprendizado, assim como as demais atividades realizadas na presente aldeia. E quando menciona a presença de cobra entorno da raiz da castanheira significa que andar no mato pela busca de castanhas requer prática, pois é ariscado para quem às vezes não tem o costume, e por isso sempre há alguém experiente que conduza, sendo no caso realidade dos apurinãs. E estes aprimoram e desenvolvem suas habilidades e personalidades próprias. E as vozes anciãs muitas vezes fazem tecedura de saberes seguida de orientações para os apurinãs presentes. *Iluminada*, complementa:

E aqui na aldeia nós aconselha também os nossos jovens, pros nossos filhos a gente conta o que viveu. As vezes em casa, quando a gente ver que o cunhantã é desobediente a gente conta uma história que a gente sabe ou que nós escutou pra ver se ele se aquieta e muda de comportamento, porque pra rebeldia não precisa ensinar não, ele aprende sozinho por ai. Uma vez, uma senhora que veio de outra aldeia falou pra gente que uns curumins estavam tomando banho na beira do rio pulando lá de cima da árvore, eles desciam e subiam, desciam e subiam pulando da árvore na água, e a mãe deles já tinham falado pra eles não fazerem isso que é perigoso, ninguém sabe o que tem debaixo desse rio não. Daí, quando todos subiram na árvore, o primeiro que pulou não boiou mais, e os que ainda estavam em cima e iam pular só viram aquela onda e rebojo onde o menino tinha pulado, eles só conseguiram ver que era um peixe enorme. Daí eles foram embora pras suas casas desesperados e contaram o que tinha acontecido, o pai e a mãe ficaram sem chão, desesperados chorando sem saber o que fazer. Todo mundo se moveu pra percurar o animal que tinha pego a criança, e com muita pescaria de malhadeira pegaram um pacamõ enorme (peixe pacamã), e suspeitaram que era o animal que tinha pegado o menino porque a barriga dele estava enorme. E quando abriram a barriga dele encontraram o corpo da criança, era o curumim que tinha pulado lá de cima da árvore na água na beira do rio. (Iluminada, 2022, informação verbal)⁴⁶.

⁴⁵ Relato fornecido por Iluminada à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

⁴⁶ Relato fornecido por Iluminada à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

Para *Iluminada*, as histórias contadas podem ter a capacidade de envolver e mudar as pessoas em suas atuações, por exemplo, os jovens e as crianças nos seus comportamentos de ‘rebeldia’, pois às vezes a teimosia pode levar à acontecimentos inesperados, como observamos na abordagem citada de *Iluminada*. As crianças, na sua fase de descobrimento das coisas e de curiosidades, muitas vezes não têm noção se determinadas ações podem correr risco ou não e, aproveitam do seu jeito, para se aventurar no clima sempre de diversão.

E *Iluminada* tece narrativa que se torna como orientações, dando os devidos conselhos. E de acordo com o que *Iluminada* nos apresenta sobre as histórias serem guias de vidas, Munduruku (2001) ressalta que, os indígenas da sua maneira e perspectiva de mundo, educam e partilham saberes. Observamos que ela faz essa recomendação tomando como base sua experiência de aprendizagem desde infância e sobre o que ouviu, quando ainda não conhecia todos os perigos encontrados na natureza e era alertado pelas pessoas. Ela, inclusive, também ressalta:

Uma vez, com a mamãe lavando roupa no sedro (tipo de boia de madeira) que a gente tinha na beira do lago, e a gente brincando correndo na beira do lago onde ela tava, eu sem querer me afundei no buraco e sem saber nadar direito a mamãe correu rápido pra me pegar. Desde desse dia parece que eu mudei de comportamento, eu chorava de noite, eu ficava com raiva de repente por qualquer coisa, jogava as coisas, chutava as coisas, até que a mamãe com o papai me levou pra um rezador que morava em outra comunidade rezar em mim. Quando a gente chegou lá, a mamãe contou a história pra ele, e ele muito sabido rezou na minha cabeça, colocou uma cuia na minha cabeça e rezou. Ele já era assim velhinho, mas muito sabido, sabia de muitas coisas. Daí ele falou pra mamãe e o papai que o meu espírito tinha saído de mim quando eu me afoguei, por isso que eu tava daquele jeito, eu sentia muita raiva. Depois que ele rezou em mim eu melhorei, já comecei dormir melhor, fui ficando mais tranquila como eu era. Mas o rezador disse que a gente tem que cuidar do corpo da gente, fechar o nosso corpo pra coisas ruins. Mas é uma coisa que acontece com a gente e a gente tem que tomar cuidado. Meus pais sempre me alertaram sobre isso, a mamãe falava sempre pra parar: vão já embora pra casa cunhantãs, chega de tá fazendo isso. Mas a gente quando é teimoso é assim, e criança teimosa já viu. E hoje a gente fala a mesma coisa pras nossas crianças, a gente tem maior medo porque não é brincadeira. (*Iluminada*, 2022, informação verbal)⁴⁷.

Com a sabedoria que o tempo lhe presenteou, *Iluminada* narra um pouco a sua história a qual lhe marcou, trazendo dela uma lição para as crianças de sua presente aldeia. Ela aborda a precisão de ouvir os avisos dos pais, recordando seus momentos inquietantes quando sofreu o acidente na beira do lago, quando caiu em um buraco fundo e se afogou,

⁴⁷ Relato fornecido por *Iluminada* à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

influenciando negativamente no seu estado emocional e espiritual. E em prol de seu bem estar, a sabedoria do rezador presente em sua memória, fez com que melhorasse, sendo para ela, um exemplo mas também um modo de aprendizado, uma vez que hoje em dia também é rezadora. Nos seus momentos de benzedura costuma, aliás, repassar suas recomendações.

Na arte do contar, *Esperança* aborda a experiência em ambiente de floresta, que para ela, também é um lugar considerado ‘cheios de mistérios’ como vimos na abordagem de *Raio de Sol*, e que devemos respeitar, seguindo a reflexão de ‘olhar atento’ também para a educação de seus filhos, netos e demais pessoas da referida aldeia:

O papai uma vez contou que um parente falou pra ele que tinha ido pra roça e tinha levado o filho pequeno dele. Na volta pra casa, quando vinha vindo no caminho, ele avistou um bando de queixada, ai ele foi e atirou em uma das queixadas, e nesse momento ele falou pro filho não sair do lugar onde tava, que ele só ia pegar a queixada e voltava rápido. Ai, no que o pai do menino saiu pra pegar a queixada, na vista do menino apareceu o pai dele chamando ele pra já ir embora. E o menino sem saber acompanhou ele, pensando que era o pai dele porque a voz e a imagem da pessoa era o pai dele. Quando não demorou, o pai do menino voltou e não viu o menino onde ele tinha ficado, daí ele saiu preocupado procurando o menino e o menino tinha sumido. Ele desesperado gritou chamando o menino, e no que ele grita, o menino que ainda tava quase perto andando seguindo quem tava levando ele, ouviu a voz do pai chamando ele. E quando ele ouviu, nesse momento ele se espertou e respondeu gritando pro pai dele, e o pai dele ao escutar a voz do filho que tinha sumido, corre e consegue encontrar o menino. Aí o pai dele perguntou porque que ele tinha saído do lugar onde disse pra ele não sair, e pra esperar ele. Daí o menino falou que foi porque ele tinha chamado ele pra ir, e que apressava ele pra andar cada vez mais rápido. E o pai dele falou pra ele: como que podia ser eu meu filho se eu tinha saído e quando voltei tu não tava mais, não era eu. Por ai a gente sabe que a mata tem seus mistérios, minha filha. Andar com criança por ai o perigo as vezes se torna maior ainda, tem que ter atenção redobrada com elas. Vai saber o quê e o porquê tava levando o menino. Só podia ser curupira ou outra espécie de proteção da mata, porque quando ela quer assustar alguém, ela se transforma em tudo o que ela quiser, e o que ela puder fazer pra que tu vá mais pra dentro da mata, ela ganha prestígio, e depois que ela fecha a mata, já era, se tu não conseguir sair, acertar o caminho de volta, tu se perde, pode ficar até doido (Esperança, 2022, informação verbal)⁴⁸.

Esperança, como uma anciã experiente, partilha da sua concepção de como ver e considera as situações que engloba o meio natural, partindo do contexto de que nele existem os perigos visíveis e invisíveis, e neste último caso, cita a curupira, considerada a defensora da natureza, uma personagem encontrada em muitos livros de contos, mas que está presente

⁴⁸ Relato fornecido por Esperança à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

nas falas dos apurinãs narradores/as porque seus olhares observadores e experiências em meio à mata captam essa cosmovisão, e sob uma perspectiva de autocuidado, deve-se ter atenção.

Faz sua abordagem narrada com a narrativa contada pelo pai, em que os personagens são reais, visto que são situações que engloba a realidade ancestral indígena e os seus meios de precauções como, por exemplo, ‘vestir a roupa do avesso’ contra os maus encantos ou para encontrar o caminho de volta para a casa, constituem como parte do ser indígena, o modo como veem as coisas mediante a sua vivência ou ensinamentos recebidos. E *Iluminada* faz presente os dizeres de seus mais velhos, que deles também recorda:

Sempre acompanhei meus pais pra roça, mas eles nunca deixava eu sair de perto deles não, tinham cuidado. E falava pra nós não ser rebelde, pra nós obedecer. Minha mãe uma vez falou que se tu se perder na mata, é só tirar a roupa e vestir ela do avesso, porque aí a curupira não consegue te encantar e se tu tiver se perdido tu consegue encontrar o caminho de novo. E quando a gente é orientado a gente também ganha experiência escutando os outros dizer. E os nossos mais velhos falava pra nós respeitar a natureza porque a gente precisa dela, a gente sobrevive dela, ela tem os seus perigos, a gente sabe que tem, mas nós tem que respeitar. (Esperança, 2022, informação verbal)⁴⁹.

Esperança relembra as palavras de seus pais sobre a obediência e de seus mais velhos sobre a valorização e respeito para com a natureza junto com as pessoas que vivem ao seu redor enquanto aldeia. E ela, com a movimentação das culturas presentes no referido espaço, continua cotidianamente aprendendo, sob processo de construção das identidades e afirmação de sua origem apurinã.

As histórias possibilitam o eco das vozes indígenas, fazem com que ecoem pelo mundo, assim como o vento e o canto dos pássaros. É uma cultura considerada rica. As narrativas têm asas e quando são contadas saem por aí voando na imaginação de quem as escuta. Elas, conforme Kambeba (2021), expressam o ser viver, o estado de contemplação da natureza, do mundo e de tudo que se move nele, num raiar de atenção, observação, meditação e aprendizagem. A prática das narrativas indígenas são filosofias de vidas que nos fazem refletir e questionar, muitas vezes, envolvendo a conduta humana. Nesse sentido, *Esperança* aborda:

Nós fomos ensinados pra não ser egoísta com nossos irmãos, e não fazer com as pessoas o que nós não quer que façam com a gente. É igual a história da onça com a garça. Uma vez a onça convidou a garça pra tomar um mingau na casa dela, e quando a garça chegou na casa da onça, ela serviu o mingau

⁴⁹ Relato fornecido por Esperança à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

na pedra, mas como a garça tem um bico, ela não conseguiu tomar o mingau, nem se quer conseguiu provar, porque a onça tem a língua dela e consegue lamber, a garça não. E no final, a onça perguntou da garça se ela tinha gostado do mingau e a garça respondeu que sim, que tava muito gostoso. Daí depois que terminou, a garça convidou a onça pra também tomar mingau na casa dela no outro dia, e a onça foi. Quando a onça chegou lá, a garça serviu o mingau dentro da cuia, que era como um bule que só passava o bico da garça. E a onça não conseguiu tomar o mingau porque a língua dela não chegava até no final da cuia pra tomar o mingau. E depois, a garça também perguntou se a onça tinha gostado do mingau: minha comadre onça, você gostou do mingau? E a onça chateada disse que não, que era pra ela ter servido em outro vaso que ela pudesse lamber. Aí a garça lembrou ela do que ela também tinha feito com ela, que a onça não pensou na garça, só nela. É história, mas é assim que as vezes a gente machuca as pessoas e nem percebe, ou se percebe, não reconhece que errou. Quem sabe a onça podia mesmo não ter se dado conta que a garça não conseguia tomar o mingau na pedra porque a pedra era o instrumento de costume dela, mas na casa da garça ela se tocou quando também não conseguiu tomar o mingau servido na cuia da garça. (Esperança, 2022, informação verbal)⁵⁰.

Para Ailton Krenak (2015) a memória é um fio que nos liga aos antepassados, somos sempre levados a recordar. E *Esperança*, em sua contação sobre a história da Onça com a Garça, nos lembra valores, como o momento da partilha entre pessoas, visto que eles/as têm esse hábito na aldeia, compartilham uns com os outros não somente saberes, experiências, mas materiais físicos também como as suas canoas, seus instrumentos de pesca, de caça, e demais utensílios artesanais e alimentos em geral de suas produções. Ademais, a presente narrativa pode ser compreendida como uma mensagem ao saber ser e se comportar com o outro numa perspectiva de alteridade humana, abordando ensinamento sobre o não egoísmo, a não exclusão do outro, pois na sociedade competitiva que vivemos, às vezes, conduz para esse caminho.

É uma história que, por sua vez, pode refletir a desigualdade social sob uma hierarquia hegemônica presente, onde há os marginalizados que invisibilizados pela visão superior, acabam sendo excluídos. Uma realidade que afeta branco, negro ou indígena, e se colocar no lugar do outro, como traz a moral da narrativa de *Esperança*, às vezes se torna menos constante, já que estamos imersos ao sistema controlador da classe dominante.

Desse modo, para Loureiro (2015, p.120) “a cultura de cada país ou de cada povo tem a sua maneira própria de realizar de forma original a experiência universal da vida”. A prática da contação de histórias proferidas pelas vozes anciãs da aldeia Severino/Tefé-AM é uma cultura de raiz ancestral indígena que possui seus valores e modos diferenciados de

⁵⁰ Relato fornecido por Esperança à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em novembro de 2022.

transmissão, pois cada narrador/a carrega dentro de si as memórias que para elas, refletem momentos engraçados, mas também ensinamentos.

As narrativas aqui apresentadas são de um povo indígena apurinã que ainda são guiados pela memória, pela palavra oralizada, pelo maravilhamento diante da realidade cotidiana, visto que ambos os contadores/as são ligados à sua origem, e por isso, traz uma percepção singular do lugar. E estes/as repassam para suas outras gerações os modos de ser indígena por meio da tradição oral, numa dialogação para a construção de identidades e afirmação étnica.

3.2 - A contação de histórias: enaltecendo a cultura indígena apurinã.

As vozes anciãs da aldeia Severino enaltece a realidade vivida em ambiente de aldeia, um povo que valoriza a coletividade e vivem suas culturas diferenciadas, pois não apenas contam, mas exercem demais práticas cotidianas ancestrais (plantam, pescam, caçam, brincam, dançam, realizam seus costumes) que delas tiram suas experiências e sobre o que contar. A contação de histórias guiadas por essas vozes transpassa a imagem poética de cada narrador/a, pois fala-se de um conjunto de relações culturais com o mundo, “um poética que se revela não somente nas criações dos diversos campos da arte, mas que também estabelece a forma de ética das relações dos homens entre si e com a natureza” (LOUREIRO, 2015, p.99). São pessoas tecedoras de saberes conectadas com o que faz sentido para elas e isso também é fazer poesia, ecoam do seu modo de ser as suas histórias.

Conversando com *Raio de Sol*, ele contou como faz o registro das histórias contadas por eles/as, através deste trabalho, que pode contribuir na valorização e no reconhecimento de sua cultura e do referido povo ancestral indígena Apurinã, uma contribuição que, para ele, “vai servir não só pra gente vai servir pra outras aldeias”. Outros povos podem ser reconhecidos e valorizados, visto que todos/as possuem suas culturas e histórias. Ele ressalta:

A contação de histórias sempre foi a minha arte, é igual quando tu pinta alguma coisa, eu de vez enquanto pinto também, eu gosto de pintar as cuias, os remos, as canoas, as coisas que a gente quer pintar. E quando eu conto é como se eu tivesse pintando também, fazendo a minha pintura com as palavras, eu não sei escrever muito bem não porque não estudei muito na vida, mas eu sei pintar palavras, é a minha voz que dá vida pra essa arte. Eu não sei se daqui alguns anos quando eu morrer se outras pessoas vão tá fazendo isso também, porque as histórias da gente morre se ninguém contar. E quando tu veio aqui e disse sobre teu trabalho, minha filha eu fico muito feliz, porque é uma coisa nova, escutar nós, saber das nossas histórias, viver

um pouco com nós, isso é muito bom. Essa contribuição não vai servir só pra gente vai servir pra outras aldeias também, porque daqui vai pra outra, da outra vai pra outra, e assim vai. A nossa voz vai andar por aí. E eu tenho orgulho da minha origem, de ser o que a gente é, eu não tenho vergonha não. (Raio de Sol, 2022, informação verbal)⁵¹.

A contação de histórias, para *Raio de Sol*, “sempre foi a minha arte”, e por isso ele também é um artista nas palavras, assim como artista para realizar outras atividades como a pintura de seus instrumentos cotidianos como as canoas, o ambiente de casa, possuindo habilidades únicas e admiráveis. Ressalta a sua voz como uma das que fazem reviver a memória, individual ou coletiva do povo, enfatizando que esta pode ser esquecida quando não recontada ou não valorizada, quando diz que “as histórias da gente morre se ninguém contar”.

A aldeia Severino é um lugar de significados, de homens e mulheres que lutam por ela e dela também são suas vozes. *Raio de Sol* valoriza o momento do diálogo, estando sempre em interação com seus parentes apurinãs da presente aldeia, e se autovaloriza e se reconhece como um ser indígena que possui as suas raízes e reminiscências culturais. É um apurinã que ‘chega chegando fazendo histórias’ (ditado popular dos parentes da referida aldeia) e com seu jeito faz a magia acontecer. E como nos fala Loureiro (2015, p.19) “a arte tem sido uma forma de encantamento, mas também de conhecimento”, e *Raio de Sol* é um artista de conhecimentos, de histórias, de culturas, que contagia outras pessoas.

Brilho de Luz, por sua vez, também considerado como a voz que ecoa encantos, experiências e saberes, por enfatizar e enaltecer o seu lugar e culturas originárias para quem o escuta, ressalta seus sentimentos:

Aqui nós somos um povo apurinã, e como povo a gente tenta ser unido, porque é preciso se unir pelo lugar da gente, pela cultura da gente, por aquilo que a gente é. A imagem do lugar é a nossa imagem, se a gente não for unido as coisas aqui não pode ir pra frente não. Nós temos as nossas andanças também, a gente se reuni com outros povo em outras aldeias, a gente realiza reunião, a gente senta, a gente conversa. Viver o coletivo também pra trocar conhecimentos, as nossas vivências do nosso lugar, conhecer outros parentes, outras línguas, é muito bom. E isso a gente também vai aprendendo desde criança, faz parte da cultura, vai conhecendo as coisas. E o nosso lugar ser reconhecido é muito bom, porque tem muita ligação com nós, com a cultura que vivemos, e a gente também fica feliz quando nossos parentes, outros povos das outras aldeias são reconhecidos também. (Brilho de Luz, 2022, informação verbal)⁵².

⁵¹ Relato fornecido por Raio de Sol à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

⁵² Relato fornecido por Brilho de Luz à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

De acordo com *Brilho de Luz*, “a imagem do lugar é a nossa imagem”, ressaltando a conexão com o local residente e abordando a necessidade da união para a vida enquanto aldeia. E como povo unido que são, ecoam suas vozes juntamente com povos de outras culturas e aldeias, para dialogar sob uma interligação interdisciplinar de saberes, direcionando e discutindo demandas em favor próprio e dos demais parentes originários. *Brilho de Luz*, com seus aprendizados desde criança, constituiu sua própria identidade e a reconstrói constantemente mediante as vivências com outras pessoas.

Iluminada, ao se sentir pertencida à aldeia Severino de origem apurinã desde que migrou para o referido local, aborda a sua ligação com o este lugar sob sentimento de valorização e reconhecimento deste, visto que ela também formou suas próprias raízes identitárias nesse espaço:

A gente se sente bem na casa da gente, porque aqui se tornou a minha casa desde que eu vim pra cá e aqui ainda tô. Por aqui eu fui crescendo, vivendo a minha fase praticamente de adolescente, jovem e adulto, e com o tempo com os erros e acertos da gente a gente vai formando a nossa mente, o nosso jeito de pensar. Mas a vida dá a experiência que a gente precisa, a gente teve a experiência no dia a dia, fazendo as coisas, escutando as coisas, observando as coisas, prestando atenção nos mais velhos. Tem uma netinha minha que tá sempre perto de mim quando eu tô fazendo alguma coisa, e isso é bom porque eu vejo que ela tá querendo aprender também, daí eu vou falando pra ela como é, eu fazendo e ela tentando fazer também. Eu lembrei da minha infância porque eu era assim também com a minha mãe. A curiosidade da criança pra aprender coisas boas é muito bom, e nós tem que aproveitar esse momento pra ensinar elas também. Nós quando tá contando uma história nós tá trabalhando também porque a gente contando parece que movimenta a gente também. Já é cultura da gente também. No roçado plantando tem esse movimento também. Eu me sinto bem quando eu tô na roça, parece que a gente ganha mais energia ainda, a terra dá energia pra gente. Eu gosto muito daqui. A minha raiz também foi plantada aqui com meus filhos e netos, com as outras pessoas que mora aqui. E o sentimento da gente é sempre bom pelo lugar que a gente teve. E se o que tu tá fazendo vai ter contribuição pra nós? Vai sim minha filha, porque é uma coisa boa. É uma ideia boa, porque um pouco da nossa voz vai tá aí no teu trabalho, e vai servir sim pra outras pessoas conhecer onde a gente teve, a nossa aldeia, o que a gente faz, isso é muito bom. (*Iluminada*, 2022, informação verbal)⁵³.

Iluminada tem uma perspectiva estética de falar, enxergar e definir as situações. Segundo Loureiro (2015, p.100), “o estético aparece em todas as teorias como uma realidade geradora, ao seu modo, de uma relação peculiar que se processa nos indivíduos enquanto seres sociais”. *Iluminada*, desde sua infância, possui essa relação com as pessoas, com as

⁵³ Relato fornecido por *Iluminada* à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

culturas à sua volta, que a fizeram ter o seu olhar próprio de mundo, sobre a realidade vivenciada, e o seu modo de ser e fazer. E quando ela diz que: “Por aqui eu fui crescendo, vivendo a minha fase praticamente de adolescente, jovem e adulto, e com o tempo com os erros e acertos da gente a gente vai formando a nossa mente, o nosso jeito de pensar [...]”, faz relação com o processo de formação da identidade dela, uma apurinã que, com a vivência e a prática foi descobrindo e desenvolvendo sua concepção e modo de ser.

Para *Iluminada*, a contação de histórias gera movimentação, uma prática que influencia no agir das pessoas da presente aldeia, pois conforme ela ressalta: “Nós quando tá contando uma história nós tá trabalhando também porque a gente contando parece que movimenta a gente também”. As pessoas se sentem envolvidas com os momentos de contações, e as vozes narradas propiciam essa sensação. E sob os modos de aprendizados, *Iluminada*, assim como os demais anciãos/ãs da aldeia, repassam suas práticas de teceduras artesanais e outros conhecimentos para as crianças e demais pessoas do local, desenvolvendo suas artes e aptidões para seus afazeres. Ela enfatiza seus afetos e considerações pelo local onde se encontra. E em ambiente da roça, ressalta a boa energia que sente emanada da terra.

Esperança expressa que, por meio da narração de histórias, se constrói saberes, promove-se oportunidade para vozes serem ouvidas, pois uma história contada pode ser recontada por outra pessoa, valorizando os aspectos culturais e de quem a narrou. E segundo ela, o reconhecimento de suas narrativas por meio deste registro teórico apresentado, possibilitará essa valorização e reconhecimento de sua cultura e como povo ancestral indígena apurinã:

Esse registro vai trazer coisas boas pra nossa cultura e pro nosso lugar de origem, pro nosso povo, e pra outros povos também. E só daí, a gente já pode ver que a contação de histórias pra gente é uma porta que vai abrir pra fazer novos saberes acontecer, outros saberes com o nosso vão surgir, vão se ligar pra quem sabe fazer outra pessoa contar a história da gente. Outras pessoas pode contar as histórias dela também, porque a vida da gente já é uma narrativa minha filha. Porque a contação pra mim é uma coisa que tá no meu dia diário, já vem de muitos tempos e é interessante isso. Uma vez papai falou que quem conta histórias, faz história. Porque ele com a história dele vai ser lembrado. E a história pra gente é aprender com ela. Papai uma vez falou que perto da cozinha de forno dele que ficava lá pro rumo da roça, longe um pouco daqui, tinha muita curupira que tentava mexer com ele, mas ele já estava acostumado, porque ele enfrentava os medos dele, porque ele sempre disse que nós temos que ter coragem e enfrentar os nossos medos, porque quem faz o medo é a gente mesmo. Se a gente tiver medo de alguma coisa o nosso medo vai consumir nós e a gente não avança, por isso o medo só existe se nós fazer ele existir. É igual quando tu vai apanhar açai, se tu tiver medo de altura, as tuas pernas vão tremer e tu pode cair de lá de cima ou de repente travar, ai nem sobe e nem desce, a coisa fica feia. E eu sempre

busquei enfrentar os meus medos, porque eu também me sentia protegida pelos meus pais, mas eles dava a orientação pra gente seguir. (Esperança, 2022, informação verbal)⁵⁴.

Esperança é uma narradora que considera a contação de histórias como uma cultura que traz benefícios não só para quem conta e escuta, mas para todo um grupo cultural envolvido, abrindo portas para partilha e conexão de visões de mundos e saberes. Conforme Schwamborn e Fonseca (2020, p. 60) afirmam, as narrativas ecoadas através da prática da contação de histórias “só reforçam a identidade cultural” das pessoas que, convivendo juntos, passam a valorizar a herança cultural deixada pelos ancestrais. Neste caso, as histórias contadas e costumes configuram-se, muitas vezes, como uma proposta educativa para relembrar o passado e contribuir para uma construção identitária.

E *Esperança* ressalta que “a vida da gente já é uma narrativa”, pois que sobre ela temos sempre o que contar, e segundo ela, as histórias “é aprender com elas”, uma vez que, com cada narrativa, ela recorda os ensinamentos aprendidos. Com a lembrança da voz sábia do pai, ressalta a mensagem de incentivo para a coragem, em prol do combate ao medo em determinadas situações, visto que todos/as possuem autonomia e capacidade para enfrentar as dificuldades, os desafios e seus próprios medos. *Esperança* na sua sabedoria, fala da orientação e educação que as histórias promovem, uma ancestralidade cultural vivida no presente.

Os narradores/as da aldeia Severino nos conduzem para o caminho de que a prática da contação de histórias, uma atividade que proporciona emoção, um fazer diário baseado em sentimentos ternos, mas também reflexivos para a vida. E com essa prática, transmitem suas narrativas que se consolidam em processos educativos de aprendizagens, possuindo as suas maneiras distintas de transmissão. Com esse hábito de contação, as histórias fluem na mente de quem acompanha e às vezes influencia no agir e modo de ser das pessoas. Estes momentos de teceduras de palavras estão ligados à identidade indígena apurinã deles/as, algo que faz parte da origem e vivem o processo de afirmação étnica e construção de identidades.

⁵⁴ Relato fornecido por Esperança à pesquisadora, em Aldeia Severino Tefé/AM, em dezembro de 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indígenas são os nossos parentes da terra, que com suas diferentes visões de mundo ajudam a (re)construir um novo mundo de saberes. São povos de uma diversidade, e nós fazemos parte desta diversidade porque somos diferentes. E com suas culturas eles/as são as vozes da floresta, vozes vida e humanidade. Respeitar, proteger e valorizar estes povos bem como suas culturas, seus modos de vida, maneiras de ser, de pensar, é um dever necessário e importante.

Esta pesquisa nos proporcionou momentos de participação e convivência com os indígenas apurinãs da Aldeia Severino, um povo de culturas que nos envolvem, pessoas que olham não apenas para si próprio, mas em prol de toda a sua aldeia, do coletivo no qual são acostumados. As vozes anciãs aqui apresentadas nos mostraram um pouco do que são, do que viram, do que ouviram, observaram e do que viveram. Vozes apurinãs que buscam o bem do outro, que motivam, ensinam e fazem refletir mediante a interpretação que cada pessoa, ao ler ou escutar, faz delas.

Com os seus conhecimentos aprendidos e experiências próprias, os/as narradores/as seguem realizando o que gostam e lhes fazem bem, a arte de narrar. E esta é uma prática que se faz presente em muitos dos momentos de convívio coletivo entre os apurinãs da aldeia, e crianças, jovens e adultos os escutam, e quem está sempre ouvindo é porque gosta e lhe chama atenção, gerando a curiosidade para ouvir os fatos da história contada. E suas narrativas são sobre situações vividas ou escutadas por ele/as.

A contação de histórias praticada pelos anciãos/ãs da aldeia Severino é uma cultura que liga eles/as à sua origem, que traz aspectos de sua cultura local na aldeia, que é uma possibilidade de manter uma coletividade identificada. Neste sentido, os narradores/as ao contar suas narrativas, partilham e constroem saberes, que legitimam suas identidades étnicas e que também dialogam para a construção das identidades e afirmação étnica dos demais apurinãs da referida aldeia. Com as narrações das histórias, estas também lhes ajudaram a ser o que são hoje, apurinãs diferenciados que possuem distintas habilidades para realizar suas atividades diárias e que, com seus modos e maneiras próprias, executam na prática os seus aprendizados.

A experiência de campo foi uma abertura para novos conhecimentos, vivências e visões de mundo que, por meio deste trabalho, esperamos ter contribuído para a amplificação da valorização da cultura indígena apurinã e no reconhecimento do referido povo Apurinã da aldeia Severino Tefé/AM. É um povo que carrega seus marcos históricos e, portanto, que suas

vozes anciãs sejam como uma ponte para outras serem ouvidas e enaltecidas dentro de perspectiva cultural e étnica, reconhecendo e valorizando suas culturas, suas histórias, seus costumes.

REFERÊNCIAS

- ABREL, Aline; POTIGUARA, Eliane. **O pássaro Encantado**. 1ª ed. São Paulo: Jujuba, 2014.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALBERT, Bruce. **Terras indígenas, política ambiental e geopolítica militar no desenvolvimento da Amazônia**: a propósito do caso Yanomami. Mus. Para. Emilio Goeldi: Coleção Eduardo Galvão, 1991.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Crônica: Amenidades da Rua - Telefone-capacete**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- ARISTÓTELES. **Da Arte da Poética**. Tradução Maria Aparecida de Oliveira Silva. 1ª ed. Imprensa Nacional – Editora: Martin Claret, 2019.
- BAKHTIN, M M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de P. Bezerra. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloisa Pezza Cantrão. 4ª ed. - São Paulo, 2008.
- CAMARGO, Robson Corrêa de. **Performances culturais: abordagens interdisciplinares**. [et al.] ; Projeto gráfico e capa, Julyana Aleixo Fragoso ; Editoração, Géssica Marques de Paulo ; Revisão, Andressa Moreira Salarini. – Goiânia : Editora UFG, 2021.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade na pesquisa**. Campinas, 2015.
- FONSECA, Thaila Bastos da; SCHWAMBORN, Núbia Litaiff Moiz. **Lendas Amazônicas: legitimando a identidade cultural dos estudantes da Escola Estadual São José, em Tefé/Amazonas**. 1ª ed. Tefé, AM: 2020.
- FONSECA, Thaila Bastos da. **Narrativas amazônicas: representações do mito do boto nas narrativas dos moradores antigos da Comunidade da Missão, Tefé – Amazonas**. Tefé, AM: CEST/UEA, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 1ª ed. Editora: Paz e terra, 1996.
- GOLDENBERG, Mirian. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 1ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O patrimônio como categoria de pensamento**. Regina Abreu, Mário Chagas (orgs.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Thomas Tadeu da Silva. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&, 2006.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber ancestral**. Uk'a Editorial, 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia da Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Tembetá – Conversas com povos indígenas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2019, p. 01 - 206.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia da Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Encontros: Ailton Krenak**. Cohn, Sérgio (Org.) 1ª ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. 5ª ed. Manaus: Editora Valer, 2015, p. 01 - 431.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Tradução Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. 1ª ed. Editora: Companhia das Letras, 1996.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MACIEL, Márcia Nunes. **Tecendo Tradições Indígenas**. Volume I. Titulação de Doutorado em História Social. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Objetivo, Método e Alcance desta Pesquisa**. In: Alba Z. Guimarães (Org.), *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. Editora Cortez, 2018.

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 5ª ed. Editora Sulina, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. **Vozes ancestrais: dez contos indígenas**. 1ª ed. São Paulo: FTD Educação, 2016, p. 01 - 80.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória**. 1ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2005, p. 01 - 39.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia.** 6. ed. São Paulo: Rêspel, 2019.

PROENÇA, Graça. **História da Arte.** 18ª ed. Editora: Ática Didáticos, 2021.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade e Modernidade/Racionalidade.** Tradução de Wanderson flor do nascimento. In: BONILLO, Heraclio (comp.). *Los conquistados.* Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, p. 437-449.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio Ou da Educação.** Editora: Bertrand Brasil, 1995.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.